SUPREMO JORGE MESSIAS, INDICADO PELO PRESIDENTE LULA, RECORRE A ALIANÇAS HETERODOXAS PARA DOBRAR A RESISTÊNCIA A SEU NOME NO SENADO

COP30 O *LOBBY* DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS MACULA OS AVANÇOS PONTUAIS DA CONFERÊNCIA DO CLIMA EM BELÉM, ESCREVE O AMBIENTALISTA **PAULO ARTAXO**

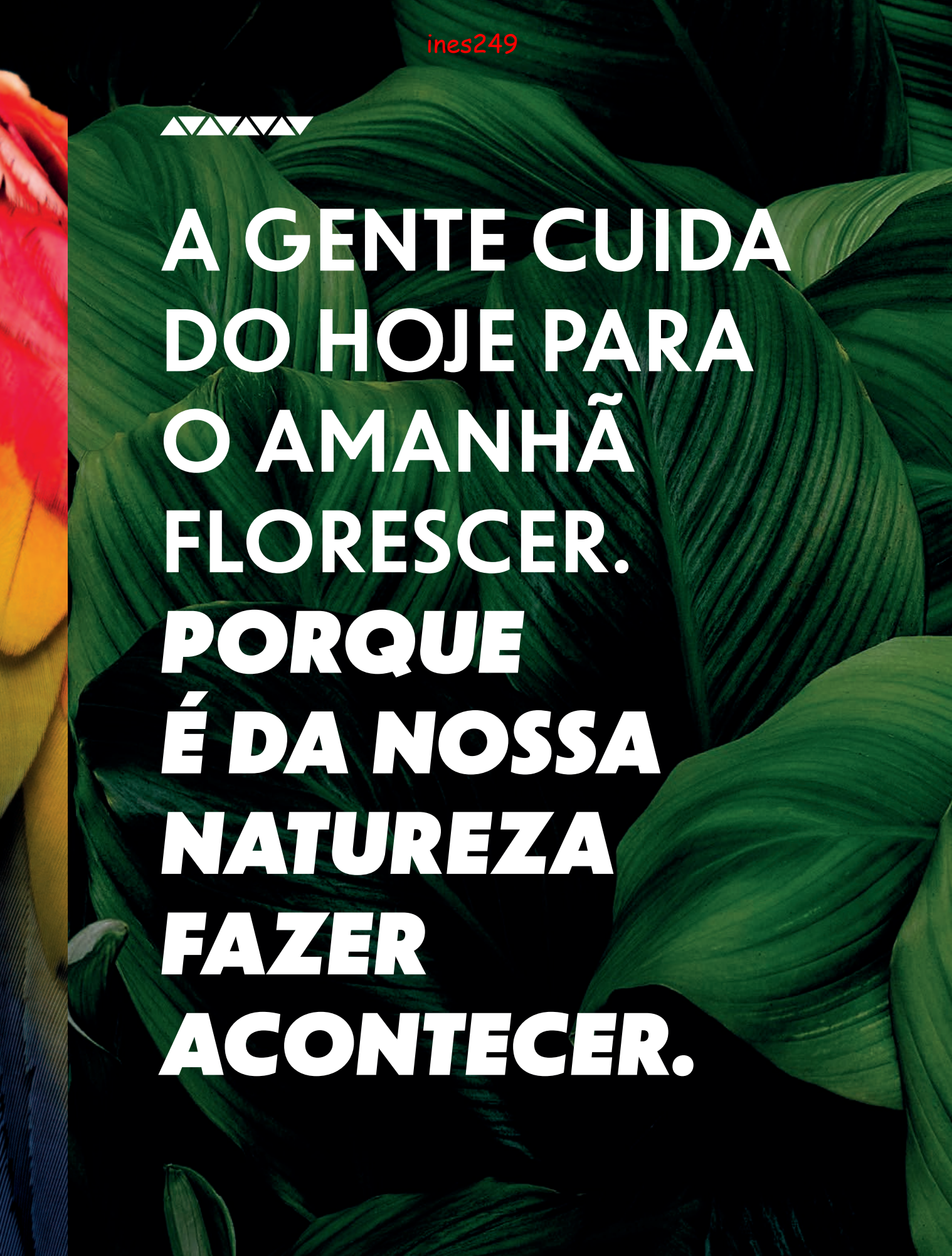
CartaCapital

cartacapital.com.br
ANO XXXI Nº 1390
R$ 31,90
3 DE DEZEMBRO DE 2025
01390
9 771809 669002
basset editora

DENTRO DAS QUATRO LINHAS

BOLSONARO E SEUS COMPARSAS VÃO PARA A CADEIA. O BRASIL SEGUE LIVRE

ines249



A GENTE CUIDA DO HOJE PARA O AMANHÃ FLORESCER. **PORQUE É DA NOSSA NATUREZA FAZER ACONTECER.**

ines249

A CAIXA e o Governo Federal acreditam na construção, hoje,
de um futuro justo, inclusivo e regenerativo.

Por isso, apoiamos diversos projetos e temos soluções que unem
inovação, impacto social e meio ambiente, incentivando a transição
para uma economia de baixo carbono, sem deixar ninguém para trás.

Do saneamento básico à mobilidade limpa.
Da moradia digna ao apoio à cultura criativa.
Da inclusão social à autonomia financeira.

COP30 BRASIL AMAZÔNIA
BELÉM 2025

CAIXA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

ines249
CartaCapital
Tudo que importa para quem se importa
—
3 DE DEZEMBRO DE 2025 • ANO XXXI • Nº 1390

8 A SEMANA
15 FRED MELO PAIVA
17 JAMIL CHADE

Seu País

20 STF O périplo de Jorge Messias para superar as hostilidades no Senado
23 CRISTINA SERRA
24 MINAS GERAIS Recusa de Rodrigo Pacheco enfraquece o palanque de Lula no estado
26 OPINIÃO Quem, no Congresso, tem medo da Polícia Federal?
28 COP30 O *lobby* dos combustíveis fósseis vence mais uma
31 PAULO ARTAXO
32 SÃO PAULO As forças de segurança protestam contra Tarcísio e Derrite
34 DITADURA A Comissão de Anistia vai analisar o caso do ex-atacante Reinaldo

Economia

38 AUTOMÓVEIS Os caminhos para uma inserção menos subalterna do Brasil
40 ADALBERTO VIVIANI
41 LUIZ GONZAGA BELLUZZO
42 MEIO AMBIENTE O BNDES e a Petrobras unidos no programa de organização da cadeia florestal

Nosso Mundo

44 UCRÂNIA A paz ofertada por Washington só agrada a Putin
46 RELATO Uma viagem por Kiev e arredores

Capa: Pilar Velloso, Ministério da Defesa, Valter Campanato/Agência Brasil, Douglas Magno/ AFP, Valter Campanato/Agência Brasil, Tânia Rêgo/Agência Brasil, Joédson Alves/Agência Brasil Midjurney --v7, Istockphoto

Reinaldo contra os pernas de pau da ditadura
Pág. 34

Plural 48

BIENAL NO MANGUE

A MOSTRA DE ARTE EM SÃO PAULO INCORPORA UM FESTIVAL DE MÚSICA EM HOMENAGEM AO MOVIMENTO PERNAMBUCANO

50 CINEMA *Bugonia*, de Yorgos Lanthimos
51 SAÚDE *Por Ligia Bahia*
52 PROTAGONISTA Após dez anos, Lenine lança um novo álbum 54 LITERATURA A reedição de *Um Rio Sem Fim*, da manauara Verenilde Santos Pereira
56 RESENHA *O Polonês*, de J.M. Coetzee
57 AFONSINHO 58 CHARGE *Por Venes Caitano*

PEDRO DENSA E PEDRO SOUZA/CLUBE ATLÉTICO MINEIRO

10 CUMPRA-SE

BOLSONARO E ASSOCIADOS SÃO OS PRIMEIROS GOLPISTAS A PAGAR POR SEUS CRIMES

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

FUNDADOR: Mino Carta (1933 - 2025)

PUBLISHER: Manuela Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Adalberto Viviani, Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, Amanda Queirós, Arthur Chioro, Arturo Hartmann, Augusto Diniz, Carlos Henrique Carneiro da Cunha de Mello Belluzzo, Claudio Bernabucci (Roma), Claudio Couto, Drauzio Varella, Cristina Serra, Elnara Negri, Fábio Mascaro Querido, Fred Melo Paiva, João Paulo Charleaux, Kelvin Falcão Klein, Leneide Duarte-Plon, Lígia Bahia, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Marcelo Miranda, Maria Fernanda Vomero, Marjorie Marona, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paula Sperb, Paulo Cezar Soares, Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, Renato Meirelles, René Ruschel, Riad Younes e Sylvia Colombo
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Maiara dos Santos Marinho, Vinicius Nunes Souza e Wendal Lima do Carmo
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor) e Lola Magalhães (Editora)
ESTAGIÁRIOS: Ana Luiza Sanfilippo e Danilo Roberto Silva Queiroz
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

DIRETOR DE OPERAÇÃO E NEGÓCIOS: Adalberto Viviani
DIRETORA FINANCEIRA E PESSOAS: Mara Lúcia da Silva
GERENTE DE PROJETOS: Mariana de Mello
ANALISTA DE PROJETOS: Gabriela Gomes de Oliveira
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
NOVOS PROJETOS: Demetrios Santos
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Actual Consultoria S.S Rua Amália de Noronha, 402, 2º andar, sala 02 – SP/SP – CEP 05410-010 www.actual.sc, Telefone (11) 3871-0506

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

Instituto Verificador de Comunicação IVC
ANER www.aner.org.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

ines249

CARTAS CAPITAIS

CartaCapital
OPERAÇÃO QUINTAL
A PRETEXTO DE COMBATER O TRÁFICO, OS EUA EXECUTAM UMA INÉDITA INTERVENÇÃO MILITAR NA AMÉRICA DO SUL. A VENEZUELA É SÓ UM CAMPO DE TESTE

EM PÉ DE GUERRA

A justificativa de que a Venezuela representa um perigo aos norte-americanos é tão falaciosa que chega doer no espírito. A intenção é derrubar o governo de Nicolás Maduro, levar a oposição ao poder e assim ter acesso ao petróleo de forma incondicional. Por que não invadem a China ou a Índia, exportadores de drogas sintéticas para os EUA? O que se vê em vídeos pelo mundo é o uso incontrolável do fentanil e seus derivados pela população jovem ou o ecstasy, que vem da Holanda, que, por sua vez, também deveria ser invadida, para usar tal lógica.
José Carlos Gama

Trump quer o domínio político e militar da região. Essa de combater tráfico de drogas é como apanhar água com peneira.
Gino Lopes Silveira de Mello

Não seria uma guerra, mas uma invasão sem propósitos, apenas com interesses financeiros. Eles têm tentado o golpe há muito tempo e agora restou invadir e matar civis.
Alan Arp

Nos anos 30 do século passado, um homem de bigodinho preparava um cenário de destruição para a humanidade. Não foi impedido e deu no que deu. Noventa anos depois, a lição foi esquecida, e temos mais um paranoico repetindo o caminho do desastre.
Carlos Alberto Suffredini

PRESAS FÁCEIS

De fato, as divisões dos países latino-americanos e diferenças ideológicas, além do compromisso das outras superpotências, Rússia e China, não permitem que haja um respaldo mais efetivo a Nicolás Maduro na Venezuela. Enquanto isso, Donald Trump deita e rola com suas ameaças e ataques não muito cirúrgicos a falsos alvos do narcotráfico, e a tendência de desestabilização na região se intensifica.
Paulo Sérgio Cordeiro Santos

Se Trump encostasse seu poderoso porta-aviões nas ilhas do Caribe, as dos paraísos fiscais, talvez tivesse mais efetivo êxito no combate às drogas. Mas ele sabe disso.
João Alberto Rodrigues

FLORESTA MAQUIADA

As comunidades seguem doentes e os projetos são para inglês ver. As empresas são muito agressivas com as lideranças comunitárias.
Ana Oliveira

A COP30 está mostrando para o mundo quem são os brasileiros defensores do meio ambiente, muito lindo esse momento, faz lembrar politicamente o Fórum Social Mundial.
Nelma Camelo

A PATRIOTADA DE MERZ

Alguém se surpreendeu? O Kanzler apenas agiu como bom europeu rico diante dos "selvagens não europeus". Vai longe o tempo em que Helmuth Schmidt aprovava missões culturais para estudar o alemão antigo ainda falado em localidades do Rio Grande do Sul.
Cesar Augusto Hulsendeger

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

ines249

COM WILL PAY, VOCÊ VENDE E RECEBE EM ATÉ 5 SEGUNDOS.

Já deu tempo
de receber antes
de passar para
a próxima página.

will BANK

SEU NEGÓCIO PODE SER MAIS WILL.

ines249

WILL PAY

- Não precisa de CNPJ.
- Tem a menor taxa do mercado.
- É mais rápido do que os outros pays.

O recebimento em até 5 segundos é exclusivo para pagamentos realizados por aproximação (Tap to Pay). Menor taxa do mercado válida na data de veiculação da campanha, conforme condições disponíveis em nosso site. Sujeita a alterações sem aviso prévio.

Aposentadoria limitada

Por 8 votos a 3, o Supremo Tribunal Federal rejeitou a revisão da vida toda no cálculo dos benefícios do INSS. A ação judicial impetrada por pensionistas solicitava que pagamentos feitos em moedas anteriores ao real fossem incorporados às contribuições dos beneficiários, o que elevaria as pensões. Quem havia sido beneficiado por decisões de instâncias inferiores não terá de devolver o dinheiro, mas o INSS, daqui em diante, poderá reduzir o valor pago mensalmente.

Justiça/ A próxima da fila

O Ministério Público da Itália dá aval à extradição de Carla Zambelli

Condenada duas vezes pelo Supremo Tribunal Federal, a dez anos de prisão por falsidade ideológica e invasão do sistema do Conselho Nacional de Justiça, em conluio com o *hacker* Walter Delgatti Neto, e a 5 anos e 3 meses por porte ilegal de arma e constrangimento ilegal, no episódio da perseguição a um eleitor de Lula pelas ruas do Jardim Paulista, a deputada foragida Carla Zambelli está mais perto de retornar, contra a sua vontade, ao Brasil. Segundo a Advocacia-Geral da União, o Ministério Público da Itália, para onde Zambelli havia escapado, deu aval à extradição solicitada pela Justiça brasileira. Cabe agora ao Tribunal de Apelação de Roma decidir se e quando a parlamentar, mantida em uma prisão feminina enquanto aguarda a tramitação do recurso, será enviada a seu país de origem para cumprir a pena imposta pelo STF. Estima-se que a extradição aconteça, no mais tardar, em março próximo. Zambelli esperava contar com a simpatia do governo de extrema-direita da primeira-ministra Giorgia Meloni. Um delírio para quem é uma figura irrelevante no universo bolsonarista. Renegada pelo clã Bolsonaro, acusada de comprometer a reeleição do ex-presidente por conta de seu destempero, a parlamentar de breve história terá tempo de pensar na vida atrás das grades.

A ex-deputada terá tempo de refletir sobre suas escolhas

Enfim, uma resposta eficaz e simples ao mosquito

Saúde/ UM TRIUNFO DA CIÊNCIA

O BRASIL APROVA A PRIMEIRA VACINA DE DOSE ÚNICA CONTRA A DENGUE

O esforço dos cientistas do Instituto Butantan acaba de ser coroado. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária concluiu a avalição técnica da Butantan-DV, primeira vacina de dose única contra a dengue no mundo, último estágio do processo de aprovação. O instituto iniciou a produção antes da assinatura do protocolo de intenção, ocorrida na quarta-feira 26, e acumulou um estoque de 1 milhão de unidades. Segundo afirmou à mídia o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações, o pediatra e infectologista Renato Kfouri, os resultados apresentados justificam a rapidez na incorporação do medicamento. "A vacina demonstrou eficácia elevada, em torno de 75% contra a doença e acima de 90% para formas graves e hospitalizações. Além da eficácia, temos o benefício de ser uma vacina produzida no País. Isso facilita o acesso e a escala de distribuição." A parceria firmada entre o Butantan e a chinesa WuXi elevará a produção a 30 milhões de doses no segundo semestre do próximo ano.

Venezuela/ **Jogo de gato e rato**

O comportamento ambíguo de Trump em relação a Maduro

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, teria informado a aliados a disposição de conversar por telefone com o homólogo venezuelano, Nicolás Maduro, a despeito da escalada das ameaças de conflito. A intenção, relata o site Axios, especializado em política norte-americana, foi comunicada no mesmo dia em que a Casa Branca enquadrou o suposto Cartel de los Soles como grupo terrorista. A classificação serve de pretexto a uma eventual intervenção militar dos EUA no país caribenho. Segundo Maduro, apontado como chefe da facção, o Cartel de los Soles nem sequer existe e é uma invenção do governo Trump para forçar uma mudança de regime. "Rídicula", retrucou o líder venezuelano a respeito da definição. Estudiosos do narcotráfico na América Latina também contestam a existência do cartel. O Axios publicou duas declarações de uma fonte da Casa Branca não revelada sobre as atuais intenções de Washington. "Ninguém está planejando entrar lá e atirar nele ou sequestrá-lo, neste momento. Eu não diria que nunca, mas esse não é o plano agora." Mais: "Temos operações secretas, mas elas não visam matar Maduro. Elas visam deter o narcotráfico. Mas, se Maduro sair, não derramaremos uma lágrima".

"Ridícula", afirma o venezuelano a respeito da definição dos EUA

De olhos bem abertos

Aumentou a tensão diplomática entre a China e o Japão depois de Tóquio anunciar a instalação de mísseis em uma ilha nos arredores de Taiwan. "O envio de armas para as Ilhas do Sudoeste é uma ação deliberada que alimenta tensões regionais e provoca confrontação militar. Dadas as declarações equivocadas da primeira-ministra japonesa, Sanae Takaichi, sobre Taiwan, essa medida é extremamente perigosa e deve acender o alerta máximo entre os países vizinhos do Japão e a comunidade internacional", afirmou a porta-voz Mao Ning, do Ministério das Relações Exteriores chinês. Desde a posse da direitista Takaichi, no fim de outubro, a relação se deteriorou.

Mercosul-UE/ **ACORDO À VISTA**

TRATADO SERÁ ASSINADO EM 20 DE DEZEMBRO, DIZ LULA

Na reunião em Johannesburgo, na África do Sul, do G20, grupo das 20 maiores economias do planeta, o presidente Lula anunciou a disposição de assinar o acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia em 20 de dezembro. "Pretendo não viajar mais este ano, a não ser para Brasília ou para Foz do Iguaçu, para assinar o acordo", afirmou. O tratado, negociado durante décadas e readequado no início do terceiro mandato do petista, vai criar a maior zona de livre-comércio do planeta, com 722 milhões de habitantes e PIB equivalente a 22 trilhões de dólares. Na reta final, o Brasil conseguiu criar mecanismos de proteção para as compras governamentais, instrumento essencial ao desejado processo de reindustrialização do País. Ainda assim, será uma troca desigual. As nações sul-americanas venderão mais produtos agrícolas e comprarão mais bens industriais e serviços. O tarifaço global imposto por Donald Trump quebrou certas resistências europeias, em particular na França, onde os agricultores temem perder espaço para os produtos sul-americanos. A ver se teremos ganhos nessa aliança ou se o acordo só aumentará o papel subalterno do subcontinente na economia global.

Parece não haver mais resistências ao acerto

FEDERICO PARRA/AFP, ISTOCKPHOTO E MARCOS CORREA/PR

ines249

CUMPRA-SE

A JUSTIÇA CIVIL FEZ A SUA PARTE. FALTA A MILITAR

por ANDRÉ BARROCAL

Cinco militares, entre eles um ex-presidente da República, estão em cana pela tentativa de golpe de Estado. Um momento histórico no Brasil: nunca aconteceu antes. O capitão Jair Bolsonaro, os generais Augusto Heleno, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira e Walter Braga Netto e o almirante Almir Garnier pegaram penas que variam de 19 a 27 anos. Ficarão na cadeia ao menos até 2030, quando alguns começam a completar 25% de sentença e poderão invocar bom comportamento para reivindicar o regime semiaberto. A cela de Bolsonaro fica na Polícia Federal e a dos outros quatro condenados, em unidades militares. Todos têm certas regalias, como banheiro privativo. Um civil sentenciado no mesmo processo é o único do alto escalão golpista em uma penitenciária comum, a Papuda, em Brasília, embora em uma ala de autoridades, a Papudinha.

Esse civil não ficará apenas sem a liberdade (pena de 24 anos). Anderson Torres, ex-ministro da Justiça, é delegado da Polícia Federal e dará adeus ao distintivo para sempre. Basta um ato administrativo da PF para materializar a decisão do Supremo Tribunal Federal. Há outro civil-delegado punido na mesma ação penal que o STF acaba de declarar encerrada: Alexandre Ramagem, ex-chefe da Abin, a Agência Brasileira de Inteligência. Ele ficará sem o cargo na PF, mas por ora escapou das grades (pena de 16 anos). Enganou as autoridades após o julgamento em setembro e se mandou para o exterior, é considerado foragido pela Justiça. Curte a vida nos Estados Unidos, lar do autoexilado Eduardo Bolsonaro, seu colega de Câmara dos Deputados. No dia em que o pai começou a cumprir pena, em 25 de novembro, Eduardo foi convertido pelo Supremo em réu por conspirar no Tio Sam contra o Brasil. Donald Trump, o presidente norte-americano, lamentou a prisão de Bolsonaro. Para Lula, o mandatário brasileiro, tratou-se de "uma lição de democracia".

Em relação ao mandato de Ramagem, o tribunal ordenou à Câmara seguir a Constituição, baixar um ato administrativo para cumprir a decisão judicial e cassá-lo. Confusão à vista. A Câmara não fez isso até hoje com Carla Zambelli, castigada com cinco anos de prisão em agosto pelo STF por porte ilegal de arma. Alega que quem tira mandato são os deputados, não a toga, e que se baseia na Constituição para fincar o pé nessa posição. No caso do quinteto fardado encarcerado, quebrar o cordão com o Estado promete ser difícil também. Será necessário um julgamento adivinhe onde, leitor? Na Justiça Militar. E as pistas não são encorajadoras para quem espera que os quartéis também façam história e sejam severos contra os golpistas.

OS OFICIAIS ENVOLVIDOS NA TRAMA GOLPISTA SERÃO AGORA JULGADOS PELO STM

Na sentença dos cinco oficiais punidos está escrito que o Superior Tribunal Militar é obrigado a decidir sobre a perda dos postos e das patentes. Segundo o artigo 142 da Constituição, que define o papel das Forças Armadas, um oficial condenado a mais de dois anos de prisão perde os dois, na hipótese de seus pares entenderem que ele teve uma conduta indigna ou incompatível. O exame da conduta, em uma espécie de tribunal de honra, ocorre no STM. A trama golpista levou até agora à condenação de 21 oficiais. Outros dois serão julgados em dezembro. O único

ines249

SERGIO LIMA/AFP

A tentativa de romper a tornozeleira eletrônica com um ferro de solda antecipou a ida de Bolsonaro para Superintendência da Polícia Federal

ines249

coturno que se livrará de ter a honra escrutinada é o tenente-coronel Mauro César Barbosa Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro na Presidência. Cid negociou um acordo de delação no qual solicitou, em troca, que não pegasse mais de dois anos de cadeia. As autoridades toparam.

De 2018 para cá, o STM avaliou a dignidade de 94 oficiais e puniu 81. Entre os réus não havia, porém, general, almirante ou tenente-brigadeiro do ar, o topo hierárquico de cada uma das forças. Quando há condenação por honra, o oficial perde o direito ao salário militar. Bolsonaro embolsa 12 mil reais por mês como capitão reformado. Ele esteve na berlinda no STM no passado e de certa forma deve a carreira política à Corte. Em 1986, era paraquedista e publicou na revista *Veja* um artigo no qual reivindicava aumento de salário. Por causa da indisciplina, ficou 15 dias detido em um quartel. No ano seguinte, o semanário noticiou que ele planejava explodir bombas em locais públicos do Rio de Janeiro, em defesa da causa salarial. Três coronéis da unidade militar do capitão investigaram-no e defenderam uma punição. O processo chegou ao STM. O tribunal inocentou-o por 9 votos a 4 em junho de 1988. A notoriedade e a absolvição pavimentaram a eleição para vereador dali a cinco meses.

Como presidente mais de três décadas depois, Bolsonaro indicou um terço dos atuais 15 juízes do STM. A Corte é composta de cinco civis e dez militares, dos quais quatro do Exército, três da Marinha e três da Aeronáutica. A bancada da Marinha foi inteiramente nomeada por Bolsonaro. O almirante Garnier, um dos condenados ao lado do ex-presidente, chefiou as tropas navais entre 2021 e 2022, era um rematado golpista, conforme afirmaram os últimos comandantes do Exército e da FAB no governo passado. A presidente do STM, Maria Elizabeth Rocha, é civil e a mais antiga na Corte, sua decana. Ingressou em 2007, pelas mãos de Lula. Há mais três nomeados pelo petista. O vice do tribunal, o tenente-brigadeiro do ar Francisco Joseli Camelo, foi piloto dos aviões presidenciais nos dois primeiros mandatos de Lula. Sua ascensão ao STM coube a Dilma Rousseff, em 2015.

Em outubro passado, Maria Elizabeth pediu "perdão" ao País por causa dos erros da Justiça e da ditadura. Referia-se ao regime inaugurado pelo golpe de 1964, pois falou em um evento celebrado para lembrar a morte de um perseguido político, o jornalista Vladimir Herzog. O juiz Carlos Augusto Amaral Oliveira, da FAB, não gostou do "perdão". É um dos indicados de Bolsonaro e, presumivelmente, um nostálgico do regime militar. Oliveira criticou a colega em uma sessão plenária sem a presença da presidente da Corte. "Estude um pouco mais de história" para "opinar sobre a situação no período histórico a que ela se referiu e sobre as pessoas a quem pediu perdão." A decana revidou na sessão seguinte, pela frente: "Misógino", "agressão desrespeitosa". E renovou o perdão.

Freud explica: Flávio e Eduardo Bolsonaro apressaram o "martírio" do pai. Na porta da PF, há menos fanáticos do que se supunha

"UMA LIÇÃO DE DEMOCRACIA", AFIRMOU O PRESIDENTE LULA

ines249

Oliveira está por trás de outra pista desanimadora sobre o que acontecerá no STM com os golpistas. Coube a ele cuidar de um processo de oito militares que assassinaram, em 2019, um músico e um catador de lixo no Rio. Os acusados, todos "praças", não oficiais, metralharam o carro de Evaldo Rosa, por terem alegadamente confundido o veículo com outro que havia sido roubado pouco antes. O catador Luciano Macedo tentou socorrer Rosa e tomou bala também. Os atiradores foram condenados a quase 30 anos de prisão, por homicídio doloso, na primeira instância da Justiça comum. Apelaram ao STM. O processo caiu nas mãos de Oliveira. O voto do relator saiu vitorioso em dezembro de 2024: absolvição geral no caso da morte de Rosa, sob o argumento de que não seria possível identificar os autores dos disparos, e redução da pena para três anos no caso de Macedo, um homicídio reclassificado pelo relator como "culposo", ou seja, não intencional.

No caso dos oficiais golpistas, o STM não tem competência para mudar a decisão do Supremo. Poderá julgar somente a honra dos acusados. Para isso, é preciso antes que o procurador-geral da Justiça Militar, Clauro Roberto de Bortolli, mova um processo. Bortolli está no cargo desde o ano passado, por escolha do procurador-geral da República, Paulo Gonet. É de se supor que apresentará a denúncia, pois foi Gonet quem acusou os golpistas no Supremo. Na eventualidade de os oficiais vierem a ser tidos como desonra para os quartéis, há uma consequência pecuniária. A perda do salário da farda. Suas esposas ou filhas poderão, no entanto, embolsar os proventos, graças a uma reforma da Previdência Militar feita no governo Bolsonaro. Parece até que a turma antevia o futuro.

A reforma proporcionou benefícios remuneratórios ao oficialato. Um deles é a chamada morte "ficta" (fictícia). Quando um oficial da ativa, da reserva ou refor-

MARINHA DO BRASIL, STF, PT NA CÂMARA, MINISTÉRIO DA DEFESA, AGÊNCIA BRASIL E AGÊNCIA SENADO, EVARISTO SÁ/AFP E FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

O DESTINO DE CADA UM

Os oficiais irão cumprir as penas em alojamentos militares. O ex-ministro Anderson Torres vai encarar uma cela comum

Almir Garnier: ex-comandante da Marinha, foi condenado a 21 anos. Cumpre pena na Estação Rádio da Marinha em Brasília. Pode perder a patente de almirante e ser expulso das Forças Armadas no STM

Anderson Torres: ex-ministro da Justiça, foi condenado a 24 anos. Cumpre pena em um batalhão da PM no presídio da Papuda, em Brasília. Perde o cargo de delegado da PF

Augusto Heleno: ex-chefe do GSI, foi condenado a 21 anos. Cumpre pena no Comando Militar do Planalto, em Brasília. Pode perder a patente de general e ser expulso do Exército no STM

Mauro Cid: ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, foi condenado a apenas dois anos de prisão, por causa do acordo de delação premiada. Cumpre a pena em regime semiaberto

Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira: ex-ministro da Defesa, foi condenado a 19 anos. Cumpre pena no Comando Militar do Planalto, em Brasília. Pode perder a patente de general e ser expulso do Exército no STM

Walter Braga Netto: ex-ministro da Casa Civil, foi condenado a 26 anos. Cumpre pena na Vila Militar do Exército no Rio de Janeiro. Pode perder a patente de general e ser expulso das Forças Armadas no STM

ines249

mado perde posto e patente, seus vencimentos passam a ser pagos à família, na forma de pensão. É como se o integrante das Forças Armadas tivesse morrido. Em dezembro de 2024, Lula enviou ao Congresso uma lei para acabar com a mamata. O texto está parado na Câmara dos Deputados desde sempre. Nem Arthur Lira, o comandante da Casa na época, nem Hugo Motta, no posto desde fevereiro, tocaram no tema.

Motta e o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, estão com má vontade com o Palácio do Planalto, eis uma das razões para a extrema-direita alimentar esperanças de aprovar uma anistia parlamentar a golpistas. O senador Flávio Bolsonaro afirma que o pai fez um "pedido direto" à dupla que manda no Congresso para o perdão ser votado. O líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante, diz e repete que há votos suficientes para aprová-la. Ao assumir a relatoria do projeto por designação de Motta, o deputado Paulinho da Força passou a trabalhar não pelo perdão, mas por mudanças no Código Penal que, na prática, reduziriam a pena dos golpistas.

O BOLSONARISMO AINDA ALIMENTA O SONHO DA ANISTIA OU DA REDUÇÃO DAS PENAS

Apesar de pregar "anistia ampla, geral e irrestrita" em público, comenta-se no Congresso que, nos bastidores, Flávio topa a solução da "dosimetria" proposta por Paulinho. O senador tornou-se o porta-voz do capitão e desponta como presidenciável do núcleo duro da extrema-direita no próximo ano. O bolsonarismo raiz, incluído o clã de Jair, não confia em ninguém do leque de opções para concorrer, nem mesmo naqueles que prometem indultar golpistas caso sejam eleitos, como os governadores Tarcísio de Freitas, de São Paulo, e Ronaldo Caiado, de Goiás. Querem alguém comprometido por sangue com o capitão.

O mandato de Flávio termina em 2026 e uma reeleição parece mais fácil, haverá duas vagas de senador por estado em disputa. Enfrentar Lula e sair derrotado deixaria o "Zero Um" na chuva e desfalcaria o clã na política. Além de Jair, Eduardo tem tudo para ficar fora das urnas em 2026, por conta da ação penal aberta no Supremo. Deve ser julgado ainda no primeiro semestre e, caso condenado, ficará inelegível. Por outro lado, Michelle Bolsonaro, a ex-primeira-dama, tem chances de se eleger senadora pelo Distrito Federal, em aliança com o atual grupo no poder local. O governador Ibaneis Rocha empenhou-se para mostrar ao Supremo que a Papuda não teria condições de ser o local para Bolsonaro cumprir a pena.

Carlos Bolsonaro, vereador no Rio, também quer o Senado, pelo estado mais reacionário, Santa Catarina, por onde tem viajado nos últimos tempos. A pretensão rachou o direitismo catarinense. Nas costuras de Jorginho Mello, do PL, para reeleger-se governador em 2026, as vagas ao Senado na chapa seriam da deputada campeã de votos no estado, Caroline De Toni, do PL, e do atual senador Esperidião Amin, do PP. Carlos precisa tirar um dos dois do páreo. Detalhe: Michelle diz estar fechada com De Toni. São conhecidas as desavenças entre madrasta e enteado.

Além de atual porta-voz do pai, Flávio é o responsável por antecipar a ida do capitão para uma cela na PF. Ao convocar uma vigília religiosa para a porta da casa do ex-presidente em Brasília, em 22 de novembro, acendeu o alerta na polícia. Na visão dos federais, desenhava-se um salseiro destinado a facilitar a fuga do capitão da prisão domiciliar em que estava desde 4 de agosto. Não era uma suspeita infundada, vide a escapada de Ramagem para os EUA, o pernoite mal explicado de Bolsonaro na Embaixada da Hungria logo após ter tido o passaporte confiscado, em fevereiro de 2024, e a solicitação de asilo na Argentina redigida pela esposa de Flávio. A PF enviou ao juiz Alexandre de Moraes, do STF, um pedido para converter a prisão domiciliar em preventiva, o que significava trancar o capitão

Ramagem, fujão, vai à academia em Miami, enquanto os comparsas pagam pelos crimes

REDES SOCIAIS/PLATÔBR

ines249

FRED MELO PAIVA

Napoleão perdeu a guerra

▶ Em luta contra a camisa de força no tornozelo, líder da facção Bolsonaro revela-se um soldador de quinta, apesar de curso superior em ferro de solda

Olá, estas são as NOTÍCIAS DO HOSPÍCIO!, o semanário de bordo da nossa viagem na maionese, com os flatos que foram notícia no Brasil e no mundo!

E ATENÇÃO! PLANTÃO URGENTE! NAPOLEÃO DO HOSPÍCIO É PRESO NA PF DEPOIS DE VIOLAR CAMISA DE FORÇA USADA NO TORNOZELO. Jair, o líder da facção Famiglia Bolsonaro, valeu-se de um ferro de solda para tentar romper a estrutura. Seus neurônios prejudicados, no entanto, são incapazes de cumprir qualquer tarefa de forma satisfatória, e o alarme acabou por denunciá-lo. Em audiência de custódia, disse ter tido "ALUCINAÇÕES" e "CERTA PARANOIA". E que teria feito CURSO DE SOLDADOR.

Deu-se a saber também que o Napoleão do Hospício desconfiou que sua camisa de força poderia estar GRAMPEADA, sendo capaz de ouvir vozes vindas de sua cabeça e de terceiros. Motivo pelo qual utilizou-se do curso superior, atacando o equipamento. E foi nessa incômoda posição que Napoleão perdeu a guerra.

Amantes da língua viram a oportunidade de esclarecer uma dúvida do português apenas superada pela humilhação da crase: no passado, Jair fora um MAU SOLDADO, expulso do Exército depois de executar de forma medíocre, naturalmente, um plano terrorista ao estilo Coiote e Piu-Piu. Agora, o lamentável estado do equipamento violado revela o quanto ele foi MAL SOLDADO, a sugerir muito mais uma Makita desgovernada do que um ferro de solda.

"DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS" poderia ser o *slogan* do Jair soldador, caso tivesse seguido a carreira. Ou "CASA DE FERREIRO, ESPETO DE MAKITA". Se depender do ofício para a remissão de sua pena, terminará por dobrá-la.

"NINGUÉM SOLDA A MÃO DE NINGUÉM!" O brado retumbou nas redes a partir do anúncio de que Napoleão perdera a guerra, e causou furdunço na ala manicomial bolsonarista, que já se encontra em vigília. Um dos internos, de Parauapebas, no Pará, ACORRENTOU-SE A UM VASO SANITÁRIO à beira de uma rodovia, e de lá só sairá quando vier a "liberdade para Bolsonaro", o que de fato faz da privada um elemento essencial nos próximos 27 anos.

Com um plano menos elaborado, uma mulher amarrou-se em uma cadeira de bar na Avenida Paulista. "Ou solta meu capitão ou eu vou ficar amarrada aqui." Tinha o rosto supostamente pintado como o de um palhaço e CABELOS DA EMÍLIA, do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Na vigília organizada por Flávio Bolsonaro (PL-RJ), fica claro o papel de Napoleão na guerra: um *display* a ser reverenciado pelos adeptos da seita, feito de papelão. A Seita Que Dói Menos promove rodas de oração em frente à Polícia Federal, em Brasília. Um animado louvor agitou a micareta em uma espécie de pogo da melhor idade. Até o fechamento desta edição, no entanto, nenhum pneu havia aparecido para a homilia.

OUTRO LADO: "Sabe que dia é hoje?", perguntou o senador Magno Malta (PL-ES) no dia do confinamento. "22. Sabe qual o número do Bolsonaro? 22. Lembra da multa do partido? 22 milhões. Ponto 9! 22 menos 9 dá 13! Alexandre de Moraes é um endemoniado. É só uma carcaça, lá dentro é uma entidade de alta patente."

THAT'SALL, FOLKS! Voltamos a qualquer momento com novas informações. NOTÍCIAS DO HOSPÍCIO nunca desliga, e a festa não tem hora para acabar! •

Jornalista, indicado ao Emmy Internacional com a série O Infiltrado. *Autor dos livros* O Atleticano Vai ao Paraíso *e* Bandido Raça Pura.

ISTOCKPHOTO

ines249

em um estabelecimento prisional. Gonet concordou. Moraes também.

O magistrado recebeu um informe da diretora-adjunta do Centro Integrado de Monitoração Eletrônica de Brasília, Rita de Cássia Gaio Siqueira, sobre a violação da tornozeleira do ex-presidente à meia-noite e sete minutos de 22 de novembro. Moraes já sabia do fato e havia decidido expedir o mandado de prisão logo ao ser informado do "incidente" nas primeiras horas do dia. Bolsonaro queimou o equipamento com um ferro de solda, conforme contou a Siqueira pessoalmente em casa. A versão inicial dada pelo ex-presidente a policiais nas imediações de sua residência era uma mentira: teria batido a tornozeleira em uma escada. Os advogados e os filhos alegam que Bolsonaro foi acometido por uma alucinação, um surto, em decorrência de remédios, daí a solda e as versões desencontradas.

Tudo somado, e tendo-se em mente que a casa do capitão fica a 15 minutos de carro da Embaixada dos EUA, Moraes concluiu existir "altíssimo risco" de o ex-presidente tentar escapar da pena de 27 anos. E decretou a preventiva. Três dias depois, o cárcere da PF tornou-se definitivo, em razão de o Supremo ter declarado encerrado o processo. Todos os recursos apresentados pelas defesas dos condenados foram negados por unanimidade no tribunal.

O general Braga Netto cumprirá a pena de 26 anos no mesmo local da prisão preventiva em que está desde dezembro de 2024, o Comando da 1ª Divisão do Exército na Vila Militar do Rio de Janeiro. Ele foi chefe do Exército e ministro da Casa Civil e da Defesa no governo Bolsonaro, além de candidato a vice-presidente na última eleição. O almirante Garnier ficará na Estação Rádio da Marinha, a 33 quilômetros da capital brasileira. Os generais Paulo Sérgio, ex-ministro da Defesa, e Augusto Heleno, ex-chefe do GSI, foram enviados para o Comando Militar do Planalto, em Brasília. Ao passar por um exame de corpo de delito antes, Heleno afirmou sofrer de Alzheimer desde 2018. Parece um esforço para sensibilizar o STF e arrancar uma prisão domiciliar. É, no entanto, uma revelação espantosa, na hipótese de não se tratar de *fake news*. O Brasil teria tido por quatro anos à frente da Segurança Institucional do País alguém literalmente – e não só no sentido figurado – sem condições mentais de ocupar o cargo.

Trump lamentou discretamente. Lula celebrou. A dinâmica das relações entre EUA e Brasil é cada vez menos influenciada pelo clã Bolsonaro

A família Bolsonaro igualmente tenta convencer o STF de que o capitão merece cumprir a pena em casa. Ele tem graves problemas de saúde, decorrentes da facada que tomou em 2018, e completou 70 anos, duas premissas legais para requerer o benefício. O tribunal aceitou um pedido semelhante feito pelo ex-presidente Fernando Collor em maio. Collor havia sido condenado em 2023 a oito anos por corrupção e lavagem de dinheiro. O caso foi encerrado em abril passado. O alagoano passou uma semana em um presídio comum no seu estado natal, até conseguir a prisão domiciliar, autorizada, por coincidência, por Alexandre de Moraes, relator do processo.

A DEFESA DO EX-PRESIDENTE INSISTIRÁ NA PRISÃO DOMICILIAR. HÁ O PRECEDENTE COLLOR DE MELO

Os filhos do capitão alardeiam que o juiz intenciona "matar" Bolsonaro, que o submete a tortura e invocam o respeito aos "direitos humanos". Quanta hipocrisia. Para a extrema-direita, Jair à frente, direitos humanos só servem para "humanos direitos", tortura é método elogiável tanto no tempo da ditadura quanto nos porões policiais de hoje, presídio lotado é problema de criminoso. Ver o capitão e todos os seus golpistas punidos e na cadeia é, como disse Lula, uma "lição de democracia". Resta saber o que a Justiça Militar decidirá sobre a honra de Bolsonaro e cia. •

RICARDO STUCKERT/PR

ines249

JAMIL CHADE
Jornalista, correspondente internacional, escritor e integrante do conselho do Instituto Vladimir Herzog

Soldar a democracia

▶ O mundo olha com especial atenção para o encarceramento de Jair Bolsonaro

O historiador e escritor Luiz Antônio Simas nos alerta que não é verdade que o Brasil fracassou em seu projeto. Seria um equívoco pensar que se trata de um país que "deu errado". Se ele foi instaurado com o objetivo de ser explorado, de dar benefícios às metrópoles e às elites, a única conclusão possível é de que o êxito foi total e duradouro, por gerações e gerações. "O Brasil foi projetado pelos homens do poder para ser excludente, racista, machista, homofóbico, concentrador de renda, inimigo da educação, violento, assassino de sua gente, intolerante, boçal, misógino, castrador, famélico e grosseiro", escreveu. "O Brasil como projeto, até agora, deu certo. Somos um empreendimento escravagista fodidor dos corpos extremamente bem-sucedido. Fazer o Brasil começar a dar errado é a nossa tarefa mais urgente."

Mas o momento que atravessamos, com a prisão de Jair Bolsonaro e de militares de alto escalão, revela que talvez estejamos diante de divisor de águas para promover o desmonte desse projeto fundador. Desta vez, usando os instrumentos da Justiça como resposta.

E, diante desse ousado desmonte de um projeto autoritário, o mundo nos olha com especial atenção. Governos democráticos confrontados com seus próprios inimigos internos tentam entender como lidar com a ameaça ultraconservadora. Já a própria extrema-direita globalizada observa o caso brasileiro como um laboratório do que pode ser feito – e o que deve ser evitado – em outras partes do mundo.

A mobilização começou. Steve Bannon, um dos artífices do movimento neofascista, alertou em seu programa diário nas redes sociais que "a notícia mais preocupante" no mundo foi a prisão de Jair Bolsonaro. Qualificando o ex-presidente condenado como "nosso grande aliado", o norte-americano deu início à divulgação da versão de que os atos de 8 de janeiro de 2023, no Brasil, eram supostamente legítimos, pois a eleição havia sido "roubada". Para ele, Bolsonaro "irá para a prisão para ser assassinado".

O processo de manipulação, portanto, não terminou. Mas reforçou para as alas mais radicais dos ultraconservadores que a Justiça é, de fato, a maior trincheira contra a implementação de seu projeto autoritário, em qualquer lugar do mundo. Asfixiá-la, assim, é prioridade. Seja nos EUA, na Hungria, ou pedindo o enforcamento de juízes no Brasil.

Num recente artigo, o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Celso de Mello, afirmou que a condenação de Bolsonaro é, de fato, a reafirmação da Justiça como a proteção do Estado Democrático de Direito contra seus adversários mais internos e mais perigosos. A avaliação do ministro aposentado é que, com a decisão do STF sobre o ex-presidente, "se conclui, com a solenidade que a República exige, a lição final deste grave capítulo histórico de nosso País, protagonizado, entre outros, por Jair Bolsonaro: a Constituição triunfa, a Justiça permanece, e a tirania – qualquer tirania – se dissolve diante da força moral da lei".

Para ele, "a condenação criminal imposta a Jair Bolsonaro pelo Supremo Tribunal Federal – 27 anos e 3 meses de reclusão em regime fechado – não constitui apenas um legítimo pronunciamento jurisdicional, mas uma proclamação moral da República, a afirmar, com voz firme e inquebrantável, que a democracia não tolera a profanação de seus princípios nem a afronta ao veredicto soberano das urnas".

No Brasil, e com as armas da Justiça, as liberdades fundamentais que estavam à beira do abismo foram socorridas. Talvez esta coluna nem sequer fosse publicada se o projeto golpista tivesse tido êxito. Talvez muitos de nós estaríamos no exílio, desta vez por conta de um regime autoritário de fato.

A reconstrução, agora, precisa ainda passar por um reconhecimento de como a necropolítica vingou no campo, na floresta, na periferia. Em nome da família, crimes foram cometidos. Os coveiros de nossa política externa também fizeram o seu trabalho, enterrando as pontes erguidas ao longo de décadas.

Não era apenas o gabinete que era do ódio. O discurso foi repleto de morticínio. Morte de uma república profanada. Morte de poderes vulgarizados. Uma imagem destruída, ridicularizada. Um futuro sequestrado numa sucessão de sonhos afogados.

A democracia que se tenta construir exige ainda uma ruptura profunda na lógica fundadora do Estado brasileiro. Num país exausto de injustiças sociais e da violência que elas perpetuam, o único caminho é o de soldar a democracia, com a brasa da justiça. Soldar o Estado de Direito e as garantias fundamentais a todos. Sem alucinações nem messias, num país onde todos caibam. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

GOLPE NO GOLPISMO

ACABA A HISTÓRICA CONDESCENDÊNCIA COM BOLSONARO

por ALDO FORNAZIERI*

O despacho de prisão de um ex-presidente da República, de quatro oficiais generais e de um almirante ex-comandante da Marinha, entre outros altos integrantes do governo passado, é o maior golpe que a tradição militar golpista recebeu até hoje. São eles: Jair Messias Bolsonaro, Walter Braga Netto, Augusto Heleno, Paulo Sérgio Nogueira e Almir Garnier. Somam-se Anderson Torres, ex-ministro da Justiça, e Alexandre Ramagem, ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (foragido). A condenação desses personagens é inédita e histórica em termos de punição de golpistas. Expressa um duro golpe na doutrina golpista dos militares que floresceu com o nascimento da República, atingiu o apogeu com o golpe de 1964 e fez-se ouvir num eco pálido e moribundo no 8 de Janeiro de 2023.

As condenações e as prisões devem servir de exemplo, fechando as portas para aqueles que ainda alimentam essas pretensões antidemocráticas, que os faça desistir pelo temor à lei, à Constituição, à Justiça e aos tribunais. Para que sirvam de exemplo é necessário, no entanto, que os oficiais no comando das Forças Armadas, nesse momento histórico, acelerem mudanças de doutrinas, de currículos formativos, de cultura, de procedimentos. O governo precisa contribuir com esse processo sem os tradicionais melindres.

É certo que a maioria esmagadora dos militares não aderiu à trama golpista. Mas, nas Forças Armadas, ainda persistem resíduos de ideologia, de cultura, de elementos simbólicos, assim como persistem brechas legais dúbias que estimulam os ambiciosos ou temerários com sonhos sombrios de regimes ditatoriais. Tudo isso precisa ser removido, a legislação aperfeiçoada e uma nova cultura deve estimular a formação dos militares. O eixo orientador consiste em afirmar algumas teses: a supremacia do poder civil legítimo, a subordinação dos militares ao poder civil, a despolitização e a desideologização dos militares e uma formação estritamente profissional. Os militares não podem ser nem de direita nem de esquerda. Seu único credo é servir ao País nos termos da Constituição e do Estado Democrático de Direito.

É PRECISO UMA NOVA CULTURA NA FORMAÇÃO MILITAR

A prisão de Bolsonaro, em particular, representa o fim da Condescendência. A senhora Condescendência deve ser mãe, madrasta ou madrinha de Bolsonaro. Preso e expulso do Exército, teve a Condescendência do Superior Tribunal Militar, que anulou a expulsão. Como político, teve longa carreira de homofobia, machismo, misoginia, de defesa de tortura e de torturados, de incitação à violência e fuzilamentos em massa de adversários, de massacre de índios, de deboche e desprezo aos mortos na pandemia, de ataque à legitimidade das eleições e de estímulo ao golpe. Ele construiu sua carreira contra a democracia, contra os direitos e con-

ines249

MARCELO CAMARAGO/AGÊNCIA BRASIL E ROSINEI COUTINHO/STF

tra a dignidade humana. O Supremo Tribunal Federal e o ministro Alexandre de Moraes decidiram afastar a senhora Condescendência de seu protegido. Bolsonaro foi alcançado pela lei fria e terá de pagar.

A prisão do ex-presidente e dos altos oficiais produzirá efeitos políticos na conjuntura e no processo eleitoral de 2026. Bolsonaro perde capacidade de articulação, seja por estar preso, seja pela trapalhada tresloucada da tentativa de rompimento da tornozeleira eletrônica ou, ainda, pela insidiosa ação de Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos para prejudicar o Brasil.

Com esse cenário de desgastes, o bolsonarismo, no sentido amplo do termo, caminha para uma dispersão. Os mais devotos e engajados tendem a uma radicalização. Os mais moderados, a um afastamento e a uma busca de outra liderança para concorrer à Presidência da República.

A família encontra-se numa encruzilhada: concorrer com um integrante do clã ou aceitar um lugar de vice de um candidato aceitável por Bolsonaro. No primeiro caso, manterá sua autonomia e buscará agregar força de negociação para um segundo turno, mesmo que o candidato venha a obter de 15% a 20%. No segundo caso, se tornará uma força secundária do jogo político e assumirá uma posição subalterna.

O ministro Moraes e o STF deram um banho de água gelada na febre golpista que assola o Brasil desde a Proclamação da República

Na família, restaram apenas dois nomes: o do senador Flávio e o de Michelle. Ela é mais competitiva, seja por ser carismática ou por combinar uma retórica político-religiosa bastante atrativa para segmentos eleitorais significativos. Mas enfrenta o veto dos filhos do ex-presidente. A vaga sobraria para Flávio. No caso de composição, tanto Michelle quanto o senador podem ocupar a vaga de vice.

As pré-candidaturas presidenciais postas neste campo são as de Ratinho Júnior, de Tarcísio de Freitas, de Ronaldo Caiado e de Romeu Zema. Tarcísio deverá candidatar-se à reeleição, pois abandonaria o quase certo pelo altamente duvidoso. Zema deverá ser candidato para catapultar o Partido Novo, que tende a sofrer o impacto da cláusula de barreira. Caiado enfrenta problemas no partido e na saúde. Tudo converge para que Ratinho Júnior seja o nome.

O projeto de anistia parece estar enterrado. A ideia de fazer mobilizações e vigílias em favor de Bolsonaro precisa ser testada. Mas aqui também as trapalhadas desmoralizantes tendem a provocar desengajamento. Podem ter alguma robustez no início para minguar depois.

O governo e Lula não podem fiar-se nas vicissitudes da família Bolsonaro e da extrema-direita. O presidente não obterá ganhos automáticos dessa situação. Precisa ir a campo e construir seus ganhos. O Brasil continuará polarizado. No segundo turno, o antilulismo se unirá. O momento é favorável, mas é preciso ser trabalhado e potencializado pela ação política. •

**Professor da Escola de Sociologia e Política e autor de* Liderança e Poder.

ines249

Anjos e demônios

STF O evangélico Jorge Messias inicia o périplo para quebrar a resistência de senadores endiabrados com sua indicação

POR MAURÍCIO THUSWOHL

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre, não quer conversa com Jorge Messias. Indicado desde 20 de novembro pelo presidente Lula para a cadeira deixada por Luís Roberto Barroso no Supremo Tribunal Federal, o advogado-geral da União tentou falar ao telefone com o senador na terça-feira 25, mas foi ignorado. A birra de Alcolumbre é hoje o grande obstáculo para Messias tornar-se o terceiro integrante do STF indicado por Lula no atual mandato. Os outros dois foram Cristiano Zanin e Flávio Dino.

Em um movimento percebido como hostil pelo Palácio do Planalto, o senador marcou para 10 de dezembro a sabatina de Messias na Comissão de Constituição e Justiça. O advogado precisará em seguida dos votos favoráveis de 41 senadores em plenário para ser ungido. Embora a rejeição a uma indicação pelo Executivo seja coisa raríssima – só aconteceu cinco vezes, todas no governo de Floriano Peixoto –, o risco existe, dado o clima de insatisfação na Casa, que preferia a escolha do colega Rodrigo Pacheco, do PSD.

Até a sabatina, Messias vai intensificar os contatos com os senadores e com os possíveis futuros colegas no STF. Os sinais colhidos são de que seu nome não será rejeitado e, apesar do tempo exíguo para conversas, ele afirma preferir "que seja logo" a tomada de decisão. "Deixar

Escudo. Lula escolhe outra vez um nome de estrita confiança para o Supremo

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 24
Minas Gerais. Rodrigo Pacheco recusa, por ora, disputar o governo

Birra. Alcolumbre não quis atender Messias e rompeu relações com Jaques Wagner

ZECA RIBEIRO/AGÊNCIA CÂMARA E RICARDO STUCKERT/PR

para março do ano que vem pode aumentar, mas também pode reduzir o apoio que tenho hoje", disse a interlocutores ouvidos por *CartaCapital*. O esforço para superar a frustação com a não indicação de Pacheco é liderado pelos senadores Jaques Wagner, do PT, de quem Messias foi assessor, e Eliziane Gama, do PSD.

No STF, o advogado-geral tem o apoio dos ministros Cristiano Zanin, André Mendonça e Luiz Fux. Inicialmente defensor da indicação de Pacheco, o decano da Corte, Gilmar Mendes, sinalizou que, uma vez feita a escolha pelo Executivo, acatará a decisão, Cármen Lúcia e Edson Fachin, idem. Um dia após ser indicado por Lula, Messias, fiel da Igreja Batista, foi recebido com um longo abraço por Mendonça, ministro "terrivelmente evangélico" indicado por Jair Bolsonaro. O encontro aconteceu na convenção nacional da Assembleia de Deus Ministério de Madureira, em São Paulo. "O senhor preenche todos os requisitos constitucionais e terá todo o meu apoio no diálogo republicano com os senadores", prontificou Mendonça. Messias retribuiu: "Não se trata de ideologia, mas de uma coisa maior comum a todos nós, o reino de Deus".

O candidato fia-se ainda em apoios fora do círculo petista. Um deles vem do ex-ministro Celso de Mello, defensor da prerrogativa do Executivo de escolher os integrantes da Suprema Corte e propenso a publicar em jornais do País um artigo em defesa dessa tese. Outro, do ex-procurador-geral da República Augusto Aras, amigo de Alcolumbre, que prometeu interceder para amolecer o coração do senador. "Aras também está costurando o apoio da comunidade judaica, o que é muito importante", diz uma fonte próxima a Messias. Por outro lado, surpreende a resistência vinda de um ministro progressista e próximo a Lula, Flávio Dino. "Esperávamos a oposição do ministro Alexandre de Moraes, mas, talvez ocupado com o caso de Bolsonaro, ele não tem atuado abertamente contra Messias. Já a postura do ministro Dino é um tanto surpreendente, pois Messias não sabe o que a pode ter causado", diz a fonte.

Com trânsito nos Três Poderes, o advogado criminalista Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, afirma não ter dúvida da aprovação. "É claro que o Senado tem o dever constitucional de fazer a sabatina, que deve centrar-se no saber jurídico por parte do indicado, assim como fazer uma averiguação sobre a sua vida, mas o Messias é inatacável. É alguém que prestou muitos serviços ao País, absolutamente técnico, competente, sério, com uma reputação acima de qualquer suspeita e um conhecimento jurídico excepcional."

Kakay tem conversado com vários senadores. "Vivemos um momento de tensão política, isso faz parte da democracia no Congresso, mas vários senadores da oposição me disseram que não faz nenhum sentido vetar Messias. Recentemente, tivemos alguns ministros que, indicados, tiveram uma votação razoavelmente apertada. Esse é o motivo de toda essa celeuma política. Mas não acredito que Messias terá dificuldade de maneira alguma." Nas conversas com ministros do Supremo, diz, Messias é extremamente bem-aceito. "É claro que cada ministro tem o direito de ter as suas preferências. Há um ministro específico que teria certa dificuldade em apoiar o Messias, mas isso não significa vetar."

Coordenador do Grupo Prerrogativas, Marco Aurélio de Carvalho ressalta que a indicação de um ministro para o STF cabe ao presidente da República. "O Senado precisa agir na perspectiva de confirmar o preenchimento de todos os requisi-

Apesar do mal-estar, poucos acreditam na rejeição do nome escolhido por Lula

ines249

tos absolutamente indispensáveis, como reputação ilibada e notável saber jurídico. Uma vez presentes, a rejeição não é uma opção, pois tudo se debruça sobre requisitos constitucionais", explica. O Prerrogativas, afirma, "não considera a possibilidade" de veto. "Não haverá nenhuma surpresa. Messias é extremamente preparado, tem espírito público, sólida formação jurídica e indiscutíveis serviços prestados à frente da AGU, uma das estruturas mais importantes do Estado." Se confirmado, prossegue, Messias será o quarto ministro egresso da Advocacia-Geral da União a integrar o STF neste momento, além de Gilmar Mendes, André Mendonça e Dias Toffoli. Kakay também aponta esse trunfo. "Em regra, quando assume o cargo da AGU, o nomeado transita muito pelo STF e sustenta ações importantes no plenário do Supremo. Então, o respeito por Messias é muito grande."

Fogo amigo? Segundo apurou *CartaCapital*, Dino não gostou da indicação

Nos próximos dias, enquanto o indicado corre para angariar novos apoios na sociedade e aparar arestas no Senado, o governo terá de lidar com o mau humor de Alcolumbre e evitar que se repita na casa o azedume potencialmente desastroso instalado entre o presidente da Câmara, Hugo Motta, do Republicanos, e o líder do PT, Lindbergh Farias. Como uma malcriação, o presidente do Senado conduziu na terça-feira 25 a aprovação do projeto que estabelece a aposentadoria integral para agentes comunitários de saúde, medida que, segundo o Ministério da Previdência, terá um impacto de 100 bilhões de reais em dez anos nas contas públicas. Alcolumbre também prometeu pautar a apreciação dos vetos de Lula ao projeto que afrouxou as regras de licenciamento ambiental. Tanto o presidente da Câmara quanto o do Senado não participaram da cerimônia de anúncio da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais por mês.

Sem ser atendido ao telefone, Messias fez um aceno público a Alcolumbre: "Acredito que poderemos sempre encontrar soluções institucionais que promovam a valorização da política por intermédio dos melhores princípios da institucionalidade democrática". O senador respondeu protocolarmente: "Tomei, com respeito institucional, conhecimento da manifestação pública do indicado ao Supremo. O Senado cumprirá com muita tranquilidade a prerrogativa que lhe confere". E acrescentou: "Cada poder da República tem de atuar dentro de suas próprias atribuições".

A bronca maior do parlamentar é, no entanto, dirigida ao líder do governo no Senado, Jaques Wagner, cuja articulação pela indicação de Messias foi vista como traição. Em entrevista à Globonews, o petista minimizou as rusgas. "Espero que esse mal-estar do Davi comigo seja superado e que a gente volte a conversar com a naturalidade que sempre conversou." Wagner atribuiu o entrevero a um erro de comunicação. "Mas não é por isso que vamos romper relações que foram construídas ao longo do tempo."

Messias busca apoios fora dos círculos petistas. Aras é um deles

Para Carvalho, "preocupa demais a tentativa do senador Alcolumbre de capturar competências que foram funcionalmente atribuídas a outro poder". O advogado lembra que o Senado avançou em outras prerrogativas funcionalmente atribuídas ao Executivo, entre elas a execução orçamentária com emendas impositivas ou a indicação de nomes para as agências reguladoras. "Já passou do limite. Precisamos devolver os poderes para as suas respectivas caixinhas. O senador está tentando abocanhar mais uma competência, talvez a mais importante de todas, atribuída pela Constituição ao presidente da República." •

FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

ines249

CRISTINA SERRA

Paraense, jornalista e escritora. Autora, entre outros, de *Tragédia em Mariana: a História do Maior Desastre Ambiental do Brasil* (Ed. Record)

A COP e o clima

▶ Copo meio cheio ou meio vazio?

A Vila da Barca é uma comunidade centenária, no bairro do Telégrafo, em Belém do Pará, com cerca de 5 mil moradores. Conhecida pelas palafitas fincadas sobre as águas da Baía do Guajará, a Vila mantém as características de povoação ribeirinha, onde vivem muitos pescadores e suas famílias, em plena área urbana da metrópole de 1,3 milhão de habitantes.

Quando eu tinha 18 anos e ainda era estudante de Jornalismo, pisei na Vila da Barca pela primeira vez. O professor de Fotografia orientara os alunos a andar pela cidade com o olhar atento para os seus habitantes. Escolhi conhecer a Vila. Lembro do choque ao me dar conta do contraste entre as carências da comunidade e o conforto do bairro de classe média onde eu vivia.

Isso foi no começo dos anos 1980. O Brasil começava a trilhar seu caminho de volta à democracia e a comunidade despertava para a organização popular ao fundar a Associação de Moradores da Vila da Barca. Na época, as famílias dispunham de uma única torneira para o abastecimento de água potável, onde se formava uma extensa fila com baldes, latas e panelas. A penúria forjou gerações na luta por vida digna e fortaleceu a coesão social. Foi o que se viu nos meses que antecederam a COP30, em meio à profusão de obras em Belém, nos preparativos para a conferência.

Uma das obras mais vistosas do governo estadual foi o Parque Linear da Doca, que custou mais de 330 milhões de reais e despertou a atenção nacional porque nele foram instaladas "árvores" artificiais, feitas de vergalhão. A cerca de 2 quilômetros da Vila da Barca, a Doca é o nome mais conhecido da Avenida Visconde de Souza Franco, o metro quadrado mais caro de Belém, com seus espigões, shopping, restaurantes e serviços de lazer. Apesar do CEP de luxo, a avenida é cortada por um canal malcheiroso, que comprimiu o braço de rio de águas límpidas do passado.

Era preciso encontrar um local para despejar a lama fétida retirada do canal da Doca. Adivinhe o local escolhido? Sim, um terreno da Vila da Barca virou o "bota-fora" da obra. A comunidade armou-se de indignação e denunciou nas redes sociais o caso típico de racismo ambiental. A mobilização durou meses e os moradores conseguiram, no fim das contas, a instalação da tão sonhada rede de abastecimento de água. Outra conquista foi a rede coletora de esgoto por meio de uma tubulação que passa embaixo das palafitas e passarelas de madeira, ainda em fase de instalação. Permanece, porém, a luta por moradia segura. Dezenas de casas mal se equilibram sobre as estacas, sujeitas ao vaivém das marés.

O caso da Vila da Barca expressa de maneira exemplar o abismo que separa ricos e pobres no Brasil e serve também como um espelho das desigualdades entre os países reunidos na COP30. Entre dezenas de discursos proferidos naquelas duas semanas, nenhum foi tão claro em seu caráter colonial e xenófobo quanto a declaração do primeiro-ministro alemão, Friedrich Merz, que, já em Berlim, declarou-se feliz por ter "deixado aquele lugar", no caso, Belém. É esse tipo de gente que diz querer salvar a Amazônia e o planeta?

A COP30 não conseguiu avançar nenhum passo no financiamento, para que os países mais pobres consigam fazer a transição energética necessária para enfrentar a emergência climática. A verdade é que os países mais ricos e poluidores veem o financiamento, quando muito, como filantropia e caridade, não como estratégia de enfrentamento à catástrofe global.

Depois de três COPs seguidas em países autoritários e de mãos dadas com o capital fóssil (Egito, Emirados Árabes Unidos e Azerbaijão), foi um avanço trazer a conferência para o Brasil. Aqui, os povos indígenas e a Marcha Global pelo Clima fizeram a voz da sociedade civil ecoar nos circuitos fechados da conferência, por onde lobistas do petróleo, da mineração e do agronegócio circularam com desenvoltura. Mas a próxima COP voltará para um país autoritário, a Turquia.

Por último, a questão mais candente da conferência. O Brasil teve a iniciativa de propor a superação "da dependência dos combustíveis fósseis" (responsáveis por 70% das emissões de gases de efeito estufa), sendo necessário, para isso, criar um "mapa do caminho", dizendo quando e como isso deve ser feito. Os petroestados espernearam e o tema não entrou nos documentos oficiais.

Mas o fato é que os combustíveis fósseis entraram para valer no debate e o Brasil – com suas "dificuldades e contradições", como disse o presidente Lula – comprometeu-se a persistir no tema, numa agenda paralela à oficial. Com apoio de cerca de 80 países, a Colômbia e a Holanda puxaram uma conferência internacional sobre a eliminação gradual dos combustíveis fósseis. O encontro está previsto para abril de 2026, na cidade colombiana de Santa Marta. Copo meio cheio ou meio vazio? Deixo ao gosto do leitor que chegou até aqui. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

Palanque vazio

MINAS GERAIS Preterido para a vaga do STF, o senador Rodrigo Pacheco resiste em concorrer ao governo estadual

POR ALAN RODRIGUES

Uma máxima tem sido repetida a cada eleição presidencial: "Quem ganha em Minas Gerais, ganha no Brasil". O estado é um termômetro da disputa nacional. "Minas é uma síntese do País, nas suas virtudes e nos seus problemas", define Malco Camargos, cientista político, professor da PUC e diretor do Instituto Ver Pesquisa e Estratégia. Com 16,4 milhões de eleitores registrados em 2024, segundo maior colégio eleitoral, atrás apenas de São Paulo, o estado é um amálgama de culturas. O Norte assemelha-se ao Nordeste, o Sul reflete o Sudeste, o Triângulo Mineiro aproxima-se do eixo Sul-Sudeste e o Noroeste guarda paralelos com o Centro-Oeste. Esse mosaico social explica o fato de a unidade da federação ser decisiva para qualquer projeto de poder e de todos os presidenciáveis, sem exceção, concentrarem esforços na conquista do eleitorado mineiro.

De olho nesse tabuleiro, o presidente Lula intensificou a presença em Minas Gerais. Só neste ano, visitou o estado sete vezes para lançar programas federais como o "Gás do Povo" e obras de infraestrutura. Em 11 e 12 de dezembro, retorna para a Caravana Federativa, iniciativa do governo federal que busca aproximar a União de estados e municípios por meio do diálogo direto entre gestores públicos e representantes de órgãos federais. "Vamos receber prefeitos, vereadores, lideranças e movimentos sociais para acolher demandas e qualificar projetos", afirma o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

O empenho responde a dois objetivos, recuperar terreno perdido para a extrema-direita e estruturar um palanque competitivo no estado. A principal tarefa da federação formada por PT, PV e PCdoB é definir a chapa. As articulações buscam incluir PSOL, PSB, PDT e MDB. "É hora de construirmos uma grande frente progressista para governar Minas e eleger Lula", defende Nilmário Miranda, ministro de Direitos Humanos e Cidadania no primeiro governo Lula.

Apesar da movimentação no plano nacional, o cenário político em Minas está longe de ser simples. "Está extremamente confuso", avalia Camargos. Segundo ele, embora bem avaliado, o governador Romeu Zema não conseguiu transformar o vice, Mateus Simões, em nome competitivo. Na oposição, falta um candidato para a disputa. Lula ainda aposta em Rodrigo Pacheco, embora o ex-presidente do Senado tenha dado indicações de que pretende deixar a vida pública após ter sido preterido na indicação para a vaga aberta no Supremo Tribunal Federal com a saída de Luís Roberto Barroso. Os petistas mineiros não se dão por convencidos e pretendem usar todos os meios para convencer Pacheco a disputar a eleição. De qualquer maneira, o presidente nacional da sigla, Edinho Silva, esteve em Belo Horizonte para se reunir com Alexandre Kalil, hoje no PDT, considerado o plano B.

> A recusa deixa o presidente Lula desguarnecido na campanha mineira

Em 2022, Zema venceu Kalil com 56,18% dos votos contra 35,08%. A estratégia agora é apoiar um candidato ao governo de perfil centrista, além de lançar para o Senado a prefeita de Contagem, Marília Campos. Boa de voto, a petista cumpre seu quarto mandato à frente do município. "Temos esperança de que Pacheco assuma a campanha. Caso desista, Kalil é um bom nome", avalia Miranda. "Vou conversar com o presidente Lula antes de qualquer decisão. Tenho duas exigências: não quero disputar cargo executivo e ser a única candidata de Lula ao Senado por Minas", afirma a prefeita.

No desenho da chapa pensada pelo Palácio do Planalto, o ministro Silveira aparece como "curinga". Ele não tentará a reeleição ao Senado e eventualmente pode disputar o governo ou ocupar a vice na chapa, mantendo-se no cargo de ministro e na coordenação da campanha presidencial no estado. Nos últimos quatro anos, Silveira consolidou-se como a principal voz do governo Lula em confrontos políticos com Zema, cumprindo papel estratégico na articulação política local.

O bolsonarismo e o Centrão, por sua

ines249

Mágoa. O ex-presidente do Senado queria ingressar no Supremo, mas Lula preferiu indicar Jorge Messias

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

vez, estão fragmentados. A importância do estado na disputa eleitoral levou Gilberto Kassab, presidente nacional do PSD, a fazer uma mexida estratégica na sucessão mineira, levando para seu partido o vice-governador Matheus Simões, antes no Novo, assim como outras dezenas de prefeitos, consolidando a legenda com 142 chefes de Executivo em território mineiro. A manobra de Kassab obriga Silveira e Pacheco a trocar de partido e abre a porta para qualquer candidatura no campo extremista que pretenda ser levada a sério. Secretário de Tarcísio de Freitas, Kassab articula ainda a aliança com outros partidos em uma frente que poderia incluir o Republicanos, do senador Cleitinho Azevedo, líder nas pesquisas, mas indeciso sobre a candidatura. O PL também entraria no arranjo. A legenda almeja a vaga de vice, a manutenção de Nikolas Ferreira como principal puxador e uma candidatura ao Senado.

A condenação e a prisão de Jair Bolsonaro projetam efeitos imediatos sobre 2026 e aceleram a reorganização do bolsonarismo, reduzindo a dependência do clã. Zema tenta ocupar esse espaço nacional ainda indefinido. Sua eventual candidatura ao Palácio do Planalto ou ao Senado adiciona mais incertezas. No fim das contas, a disputa por Minas expõe a fragilidade estrutural da política nacional: nenhum projeto avança sem decifrar o enigma mineiro. O cenário aponta para a sobrevivência da extrema-direita bolsonarista e, ao mesmo tempo, para a tentativa de surgimento de uma direita mais moderada. Não se sabe se e quando essa ruptura, de fato, ocorrerá. •

ines249

Quem tem medo da PF?

OPINIÃO O PL Antifacção aprovado na Câmara é um ataque direto à principal instituição policial do Brasil

POR LINDBERGH FARIAS*

A aprovação do chamado PL Antifacção, em 18 de novembro, pela Câmara dos Deputados extrapola o âmbito de uma revisão legislativa e traz graves retrocessos que, na prática, desmontam instrumentos basilares de investigação e protegem os interesses do crime organizado. Embalado no discurso político, ideológico e eleitoral do endurecimento de penas como forma de combater a criminalidade, com seis relatórios diferentes, o secretário de Segurança de São Paulo licenciado do cargo, o bolsonarista Guilherme Derrite, elaborou um monstrengo jurídico, ocasionando uma derrota para a segurança pública e uma vitória para as facções criminosas.

A proposta original, enviada pelo presidente Lula e construída meticulosamente ao longo de seis meses sob a coordenação do ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, partia de um eixo estratégico inteligente e moderno: atacar o financiamento das organizações criminosas. Um projeto esmerado, com ponto focal no andar de cima do crime, justamente onde se encontram os cabeças das quadrilhas e seus aliados de colarinho branco. Por isso, previa o confisco de bens e o bloqueio de fluxos financeiros ilícitos. A versão aprovada, entretanto, altera drasticamente essas diretrizes, solapando o âmago da proposta. O desmonte da política de descapitalização das organizações criminosas desarma o Estado de instrumentos direcionados a golpear o patrimônio ilícito.

A criação de uma "ação civil autônoma" para o perdimento de bens, em substituição aos instrumentos cautelares ágeis do texto original, é uma farsa jurídica. Na prática, ela só acrescentará morosidade, insegurança jurídica e pulverização dos procedimentos, atrasando o confisco e reduzindo os recursos destinados à PF. É inaceitável o enfraquecimento deliberado da Polícia Federal, mediante um verdadeiro desmonte orçamentário ao retirar recursos do Fundo Nacional de Aparelhamento da Polícia Federal e de outros fundos vitais, como o Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) e o Fundo Penitenciário Nacional (Funpen). Foi um ataque direto à capacidade operacional da PF, a principal instituição policial do País, asfixiando financeiramente suas investigações de alcance nacional e interestadual.

A proposta de Derrite é um presente de Natal para o crime organizado

Há mais pontos gravíssimos. O projeto criou brechas legais que serão amplamente exploradas pelos advogados dos criminosos. A substituição do tipo penal "Organização Criminosa Qualificada", bem delineado no projeto do governo, por conceitos vagos e inéditos como "domínio social estruturado" e "organização ultraviolenta", é uma porta aberta para a impunidade. Esse tipo de improvisação conceitual enfraquece a política criminal, confunde operadores do Direito e mascara o objetivo real: desfigurar a proposta técnica e consistente do Executivo, substituindo-a por um amontoado de conceitos vazios e dispositivos contraditórios. Em resumo, um caos jurídico que só favorecerá os advogados dos bandos criminosos, com recursos para protelar processos e até mes-

ines249

ZECA RIBEIRO/AGÊNCIA CÂMARA

Em família. Não só os deputados bolsonaristas comemoraram. Os verdadeiros líderes do PCC, CV e demais facções têm motivos para gargalhar

mo inviabilizar condenações, criando um caos interpretativo nos tribunais.

Enquanto o crime organizado atua em rede, com operações integradas em nível nacional e internacional, o PL aprovado na Câmara fortalece a estadualização das ações de segurança. Quando reduz a capacidade de articulação do Ministério da Justiça e da Polícia Federal, o projeto conduz ao isolamento e à fragmentação das operações. Deu-se um presente para facções como o PCC e o Comando Vermelho, que operam justamente explorando as lacunas e a falta de coordenação entre as forças estaduais. Tentou-se ainda subordinar a PF a interesses localizados, retrocedendo à prática da República Velha, de cem anos atrás.

Diante de tantos retrocessos, uma pergunta não pode deixar de ser feita: é mera coincidência que um projeto que enfraquece a Polícia Federal seja aprovado justamente no momento em que as investigações da entidade atingem a Faria Lima e escancaram as relações perigosas entre política e crime? O fato é que operações de grande impacto, como a Carbono Oculto, que investigou a máfia dos combustíveis ligada a grandes grupos econômicos e políticos, e as investigações em torno do Banco Master acenderam um sinal de alerta em setores poderosos com presença no Congresso.

Se a proposta de Derrite estivesse em vigor, mais de 1 bilhão de reais em bens do crime organizado não teriam sido confiscados em operações recentes, tampouco o combustível de navios retidos pela Receita Federal sob suspeita de envolvimento com atividades criminosas.

É inevitável citar o exemplo emblemático do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, citado em investigações da Operação Carbono Oculto. Ficou patente o desconforto dele, e de políticos de seu círculo, com uma PF autônoma e forte. A pressa em desidratar o PL Antifacção na Câmara parece fazer parte de uma estratégia para proteger grupos poderosos atingidos por investigações recentes. Uma espécie de reedição da PEC da Blindagem, rechaçada pela sociedade brasileira.

Os números mostram a eficácia da estratégia original do governo Lula. Desde 2023, as ações integradas de segurança, com a PF à frente, retiraram 19,8 bilhões de reais das mãos de criminosos, o maior prejuízo financeiro já imposto ao crime no País. O número de operações da Polícia Federal cresceu 80% desde 2022. É justamente esse sucesso que incomoda.

O PL Antifacção com o texto original, somado à PEC da Segurança Pública, buscou sustentar e ampliar esses avanços, asfixiando financeiramente as facções e modernizando a integração das forças de segurança. O substitutivo de Derrite aprovado pela Câmara vai, porém, na direção oposta. Por isso, a bancada do PT votou contrariamente à proposta, por entender claramente os riscos que ele representa.

É dever de todos rechaçar veementemente esse retrocesso para restabelecer no Senado o texto original do governo Lula. O Senado tem a responsabilidade e o dever de rejeitar o PL aprovado e instituir um marco legal que, de fato, fortaleça o Estado no combate à criminalidade, atacando-a em seu ponto mais sensível: o bolso. •

**Deputado federal (PT-RJ) e líder da bancada do partido na Câmara dos Deputados.*

ines249

Vitória da inércia

COP30 Sem menção explícita ao petróleo, a declaração da conferência promete um "mapa" para a transição energética

Após três conferências climáticas nas quais as discussões sobre pontos cruciais para o enfrentamento ao aquecimento global andaram em círculos, eram grandes as esperanças depositadas na COP30, evento encerrado no sábado 22 em Belém do Pará. A expectativa geral era de que a disposição demonstrada pelo Brasil, país anfitrião, em se colocar na vanguarda do processo de adaptação às mudanças climáticas, assim como a condução pretendida pela presidência da conferência para temas como desmatamento, combustíveis fósseis e financiamento, criaria o ambiente propício para um encaminhamento prático das metas estabelecidas pelo Acordo de Paris e abordadas de forma apenas tangencial nas reuniões anteriores.

A esperança de que a agenda climática voltasse aos trilhos deu ao evento realizado na capital do Pará o apelido de "COP da Implementação". Após duas semanas de discussão, o fim da conferência foi, no entanto, frustrante e repetiu o surrado roteiro de belas intenções, promessas vagas, metas insuficientes e impasses políticos intransponíveis.

Apesar do esforço do Brasil, que incluiu uma segunda passagem do presidente Lula por Belém, não há na declaração final nenhuma menção aos combustíveis fósseis ou ao desmatamento.

ines249

Climas diferentes. Nas ruas abafadas de Belém, o clamor por iniciativas concretas. Sob o ar-condicionado da Blue Zone, a diplomacia esbarra na falta de consenso

BRUNO PERES/AGÊNCIA BRASIL E UESLEI MARCELINO/COP30

Também ficaram de fora compromissos em relação ao financiamento a projetos de adaptação, além das novas metas de redução das emissões, conhecidas como NDCs, por um grupo considerável de países. A obrigação de que a declaração fosse fruto do consenso, aliada à diversidade de interesses políticos e econômicos dos países envolvidos, travou qualquer avanço em temas considerados cruciais.

Como atenuante, a presidência da COP30 comprometeu-se a estabelecer, nos próximos meses, um "mapa do caminho" para o abandono dos combustíveis fósseis. A discussão rachou a conferência, com 82 dos 195 países aderindo à proposta brasileira de incluir o tema na declaração final. A iniciativa acabou bloqueada pelo grupo conhecido como LMDC, liderado pela Arábia Saudita e formado por outros países dependentes de petróleo e gás, entre eles Índia e China. Depois de dias de discussão semântica sobre "saída acelerada" ou "saída progressiva", nenhum dos termos foi incluído. "Sabemos que muitos de vocês tinham mais ambição e que a sociedade vai exigir mais. Precisamos de mapas para que possamos superar a dependência dos fósseis de forma ordenada e justa", afirmou André Corrêa do Lago, presidente do evento, durante a plenária de encerramento. O embaixador brasileiro ressaltou que o trabalho do País à frente da agenda climática está apenas no começo. "Ainda teremos 11 meses de presidência para construir esse mapa do caminho."

Lula atuou em vão para incluir o tema na declaração final. "O Brasil quer mostrar que é possível construirmos isso de forma conjunta. Os combustíveis fósseis emitem muitos gases de efeito estufa e precisamos pensar em uma forma de viver sem eles. Digo isso sendo de um país que extrai 5 milhões de barris de petróleo por dia, mas que também produz etanol e tem 87% de sua energia elétrica limpa."

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva afirmou, por sua vez, que "sonhávamos com muito mais", antes de mencionar os esforços brasileiros. "Não foi possível o consenso, mas o apoio que as propostas receberam de muitos países e da sociedade de um modo geral fortalece o compromisso da presidência do Brasil na COP30 para se dedicar à elaboração dos dois mapas do caminho. É preciso deter e reverter o desmatamento e também ultrapassar a dependência dos combustíveis fósseis de forma ordenada e justa." Apesar do discurso, o governo brasileiro anunciou dias antes da COP30 a concessão da licença para testes de exploração de petróleo e gás na Margem Equatorial, e durante a conferência confirmou a inclusão de mais 275 blocos na carteira de ofertas da Agência Nacional de Petróleo.

"Estamos em uma encruzilhada", lamentam cientistas e ambientalistas

A comunidade científica e organizações ambientalistas lamentaram o teor da declaração final. Um alerta elaborado por cientistas e entregue aos governantes afirma que "estamos em uma encruzilhada planetária" e que será preciso escolher entre "proteger as pessoas e demais formas de vida ou proteger a indústria de combustível fóssil". Em referência ao incêndio na Blue Zone (espaço oficial das negociações) que assustou os delegados do encontro, o documento afirma que os líderes planetários "parecem ignorar que, ao contrário dos pavilhões da COP, não podemos evacuar o planeta Terra quando desastres acontecem". Os cientistas pedem pressa e afirmam a necessidade de zerar as emissões até 2045. "Isso significa que não haja nenhum outro investimento em combustíveis fósseis, responsáveis por 80% das emissões, além da remoção de todos os subsídios e da adoção de um plano global de energias renováveis."

Pesquisador da USP e conselheiro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, o cientista brasileiro Carlos Nobre, um dos signa-

ines249

tários, critica: "O documento final deveria ter uma declaração de que todos os países vão acelerar a redução do uso de combustíveis fósseis. E também o reconhecimento de que bilhões de pessoas estão vulneráveis a todos esses eventos que já estão acontecendo, não são uma coisa para o futuro". Na avaliação de Nobre, um dos organizadores do Pavilhão de Ciências Planetárias em Belém, "a COP30 foi importante, mas esperávamos que fosse bem mais".

Segundo Marina Hirota, cientista do Instituto Serrapilheira e também signatária do documento, a inclusão da eliminação gradual dos fósseis é fundamental para a manutenção da vida no planeta. "Caso as promessas continuem a ser apenas promessas sem implementação, vamos começar cada vez mais a sentir os impactos socioeconômicos e as perdas e danos recorrentes dos eventos extremos. É fundamental que isso seja considerado de forma urgente e com equidade."

Integrante da coordenação do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável (FBOMS), Maurício Laxe lamenta que, além de os fósseis não estarem colocados no texto final, os mecanismos para adaptação também não avançaram. "Outras questões como transferência de tecnologia, educação, participação social e economia sustentável não são nem basicamente tratadas." A "razão maior" de os fósseis não entrarem no documento oficial, acredita, é o fato de parte dos maiores produtores de petróleo serem ditaduras ou até mesmo teocracias. "O poder está nas mãos de poucas pessoas, justamente pela força econômica do petróleo."

> Dos 195 países, 122 apresentaram novas metas de redução de emissões

O ponto mais comemorado da declaração final foi a adoção do Objetivo Global de Adaptação, conjunto de indicadores que medirão o quanto os países avançaram na tarefa de se preparar para os efeitos das mudanças climáticas em pontos como saúde, agricultura e saneamento básico, entre outros. Mesmo sendo apenas um mecanismo de medição e monitoramento, a proposta, após pressões variadas de diversos países, foi desidratada e manteve apenas 59 itens dos cem iniciais.

O anúncio de novas NDCs também deixou a desejar. Apenas 122 dos 195 países presentes entregaram suas novas metas de redução voluntária de emissões. O impasse prevaleceu no financiamento de projetos de adaptação climática nos países mais pobres, discussão abandonada pela União Europeia em represália àqueles que se opuseram à redução de combustíveis fósseis. O mapa B2B, apresentado pelos governos do Brasil e do Azerbaijão em paralelo à declaração oficial, sugere caminhos para se chegar ao 1,3 trilhão de dólares em recursos, valor estimado como necessário pela própria ONU. Na declaração oficial, a meta mais palpável cita, porém, um fluxo anual de 120 bilhões de dólares em financiamento até 2035.

Em relação ao combate ao desmatamento, o maior avanço foi a criação do fundo para a preservação de florestas tropicais, que, com o aporte de 1 milhão de dólares anunciado pela Alemanha durante a COP30, chegou ao montante de 6,7 bilhões, valor próximo dos 10 bilhões desejados para o primeiro ano de existência. "Belém evitou a implosão do Acordo de Paris, hoje a única coisa a nos separar de um mundo três graus mais quente. Os resultados fracos da COP30, que precisou encontrar fora da agenda oficial suas vitórias políticas, comprovam o esgotamento do modelo de decisões por consenso e impõem a necessidade de reforma das COPs", avalia Claudio Angelo, coordenador de Política Internacional do Observatório do Clima. •

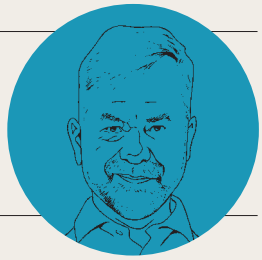
– por Maurício Thuswohl

Alguma coisa. O fundo de preservação das florestas tropicais atingiu 60% da receita

ISTOCKPHOTO

ines249

PAULO ARTAXO
Cientista e diretor do Centro de Estudos Amazônia Sustentável da Universidade de São Paulo (CEAS-USP)



Avanços pontuais

▶ A conferência do clima em Belém falha, porém, no ponto central, a transição dos combustíveis fósseis

A COP30 chega ao fim com alguns avanços importantes em áreas como financiamento e adaptação, mas sem chegar a acordos que definam a "rota do caminho" para o fim do uso dos combustíveis fósseis no planeta. O presidente da conferência lançou um "mutirão global", basicamente um chamado à ação coletiva contra as mudanças climáticas, retomando o multilateralismo. Tivemos 195 países em Belém, os Estados Unidos foram a única exceção. Tivemos também uma ampliação da participação social, com maior reconhecimento dos papéis de populações tradicionais, comunidades indígenas, mulheres e governos subnacionais, o que reforça a dimensão da justiça climática e da inclusão nas decisões globais. A ciência esteve fortemente presente, no Pavilhão da Planetary Science, pela primeira vez em uma COP.

As questões econômicas e geopolíticas, bem como o *lobby* da indústria do petróleo, dominaram as discussões e os textos finais. O sistema de aprovação de documentos da ONU, em que tudo deve ser aprovado por consenso, torna impossível aprovar medidas relevantes. Como conciliar os interesses de curto prazo de países produtores de petróleo, como a Arábia Saudita, com aqueles das nações que vão desaparecer do mapa devido ao aumento do nível do mar? Os interesses econômicos da indústria do petróleo no curto prazo foram mais fortes do que os de 8 bilhões de seres humanos afetados pelas mudanças climáticas.

Um foco importante explicitado pelo presidente Lula no discurso de abertura foi a necessidade da construção de um mapa do caminho para a humanidade se livrar dos combustíveis fósseis de modo justo e rápido. O embaixador André Corrêa do Lago enfatizou, dezenas de vezes, a necessidade de uma resolução nesse sentido. Mas o *lobby* da indústria de petróleo falou mais forte e o documento final nem sequer menciona os combustíveis fósseis. Por outro lado, 80 países apoiaram uma moção sobre a transição energética. A Colômbia, inclusive, vai organizar uma conferência pré-COP31, em maio, para trabalhar essa questão em uma moção na COP31. A ideia é elaborar um *road map* com um acordo vinculante. O curioso é que a geração de eletricidade solar e eólica hoje é, em geral, mais barata do que a queima de combustíveis fósseis.

Foi criado um Global Implementation Accelerator, que deve priorizar ações com maior potencial de impacto rápido, tais como reduções de emissões de metano, remoção de carbono por meio de soluções baseadas na natureza, aceleração da implementação de energias renováveis etc.

Na questão do financiamento, o documento final indica o compromisso de triplicar os recursos destinados à adaptação climática até 2035, medida essencial para apoiar populações mais vulneráveis. Mas não há um plano de compromissos dos países nesse sentido.

A questão da eliminação do desmatamento até 2030 também ficou de fora, embora o mecanismo chamado TFFF (Fundo Florestas Tropicais para Sempre), de financiamento para manter as florestas em pé tenha arrecadado cerca de 6 bilhões de dólares, incentivo importante para os países implementarem programas de desmatamento zero.

Ficou claro que precisamos de muita pressão social. É importante salientar a relevância de mantermos o Acordo de Paris. Sem as reduções de emissões estabelecidas nele estaríamos em um cenário de aumento médio da temperatura de 4,3 °C, segundo o IPCC em seu relatório AR3. Hoje, caminhamos rumo a um aquecimento global médio de 2,8 °C. Com isso, o Brasil, como país tropical e de dimensões continentais, pode ter um aumento médio da temperatura de 3,5 °C a 4 °C. Temos que evitar esse cenário a todo custo.

A COP30 deixou um legado misto: avanços inéditos na participação social e em mecanismos de implementação (adaptação e financiamento), mas lacunas graves na questão central, uma rota de caminho para o fim dos combustíveis fósseis. A conferência também deu visibilidade e protagonismo a povos indígenas, comunidades tradicionais, juventude e movimentos sociais, resgatando, em grande escala, o papel da sociedade civil nas decisões, com forte pressão por justiça climática. Foi aprovado um conjunto de 29 decisões sobre diversos temas, como a transição justa, o financiamento da adaptação climática, o comércio, o gênero e a tecnologia. A velocidade das negociações diplomáticas não é compatível com a emergência climática.

Muito trabalho pela frente, ao longo deste ano, até a COP31 na Turquia. O planeta não poderá tolerar que uma única indústria (a dos combustíveis fósseis) provoque um aquecimento global de 2,8 °C. Os 8 bilhões de seres humanos que sofrerão impactos fortes desse aquecimento têm que falar mais alto do que os enormes lucros de pouquíssimas petroleiras. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

Espeto de pau

SÃO PAULO Tarcísio de Freitas e Guilherme Derrite, "*experts*" em segurança, encaram a insatisfação das forças policiais

POR MARIANA SERAFINI

"Prometeu, não cumpriu, mentiu!", a frase circula nas redes sociais e resume a insatisfação dos policiais militares, civis e penais com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e o secretário de Segurança Pública, Guilherme Derrite. Enquanto o secretário deixou o cargo por quase 20 dias para retornar ao mandato de deputado federal e relatar o PL Antifacção, os agentes do estado sentiram-se traídos por não verem nenhuma das promessas de campanha cumpridas. Salários baixos, péssimas condições de trabalho, equipamentos e viaturas defasados e falta de progressão de carreira são as queixas que resultaram no protesto realizado em 18 de novembro na capital paulista, e em anúncios de novas manifestações nas próximas semanas.

Grande parte dos agentes policiais é alinhada ao bolsonarismo e apoiou com entusiasmo a candidatura de Freitas, mas até estes estão indignados. Um dos destaques no ato político foi o deputado federal Delegado Palumbo, do MDB, bolsonarista fiel, e até pouco tempo entusiasta do governador. "Não é porque eu sou de direita que vou ficar quieto. A polícia continua sucateada, mal paga, com problemas de saúde. Os policiais militares estão revezando coletes, a Polícia Civil andando de carro velho. Três anos já: as polícias não aguentam mais lorota furada", esbravejou.

Segundo policiais, não falta apenas investimento, mas também diálogo. A prova é o que aconteceu no dia do ato. Para evitar repercussão, o secretário de Segurança em exercício, Osvaldo Nico Gonçalves, e o delegado-geral, Artur Dian, prometeram que todas as entidades seriam ouvidas pelo governador na semana seguinte, desde que evitassem as críticas no carro de som. Na data marcada, os convidados ganharam, no entanto, um chá de cadeira no Palácio dos Bandeirantes. Esperaram por mais de três horas sem ser atendidos e, no fim, receberam a oferta de uma foto com o governador. Apenas algumas entidades foram ouvidas.

"As mais de 20 associações que estavam esperando pela reunião foram traídas", denuncia o PM aposentado Paulo Roberto Torres Galindo, conhecido como Tenente Torres. Segundo ele, a categoria "votou no Tarcísio porque ele foi indicado pelo Bolsonaro", mas passados três anos, o sentimento é de frustração. "No fim, Bolsonaro também nunca fez nada por nós." Para Torres, Derrite só foi o relator do PL Antifacção porque é a aposta política da direita paulista para o Senado em 2026, mas "não tem experiência em segurança pública, passou a maior parte da carreira aquartelado".

O resultado da gestão: agentes mal pagos e mais letais

O presidente da Associação dos Delegados do Estado de São Paulo, André Pereira, foi um dos poucos a participar da conversa a portas fechadas, e qualificou o episódio como "uma conquista importante" porque foi a primeira reunião desde o início da gestão. A conversa, afirmou Pereira, foi produtiva. O governador prometeu atender às duas principais reivindicações da Polícia Civil. "Garantiu que está avaliando a proposta de reajuste, e vai apresentar a Lei Orgânica nos próximos dias." A lei é considerada essencial para reestruturar a carreira.

Apesar de ser o estado com o maior PIB, as polícias paulistas estão entre as mais mal pagas do País, alega o escrivão Renato Martins, presidente do Sindicato dos Funcionários da Polícia Civil de Santos e Região. Em nota, a Secretaria de Segurança Pública informou que "a política salarial foi reforçada, com um reajuste médio acumulado de 25,2%". Ainda assim, o salário

ines249

Sentimento de traição. Eleitores entusiasmados do bolsonarista, os agentes reclamam do descaso tanto do governador quanto do secretário

inicial de um policial civil é de cerca de 5 mil reais, e coloca a categoria na lanterna do ranking nacional. O mesmo acontece com a PM, onde um "praça", ou seja, soldados, sargentos e tenentes responsáveis pelo policiamento de rua, recebe em torno de 4 mil. O soldo insuficiente também se repete na Polícia Penal, atrelada à Secretaria da Administração Penitenciária.

A letalidade policial aumentou 91% nos dois primeiros anos da gestão de Freitas, em comparação com os dados de 2022 do *Anuário Brasileiro da Segurança Pública*. Para Martins, é resultado da concepção de Segurança Pública de Derrite, ex-oficial da Rota. "Um secretário que só pensa em política de enfrentamento, quando precisamos é de política de inteligência." Sob o pulso de Derrite a Secretaria "virou um grande quartel militar", critica Martins.

Para o presidente do Sindicato dos Policiais Penais, Fábio Jabá, Derrite conseguiu a façanha de "acabar com o racha nas polícias" porque agora estão todas insatisfeitas. "Como alguém que quer ser respeitado na esfera federal como especialista em segurança pública se não respeita seus operadores?" O descaso fez inflamar os ânimos, diz.

A deputada estadual Mônica Seixas, do PSOL, acredita que a insatisfação tende a provocar uma fissura no bolsonarismo. Já é possível observar mudança de postura entre os policiais *influencers*. "Muitos começaram a dizer que vão votar no diabo, mas não votam de novo no Tarcísio." O deputado Paulo Batista dos Reis, do PT, discorda: "Os bolsonaristas ainda estão fechados com o governador, tudo que ele manda para a Assembleia eles votam favoravelmente".

De acordo com Seixas, "Derrite e Tarcísio promoveram um desmonte completo da segurança pública". E isso não afeta só a população, mas os próprios policiais. Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, os oficiais morrem mais de suicídio do que em conflito. Para o ouvidor das polícias, Mauro Caseri, o quadro preocupante é resultado da desvalorização. Ele critica o que chama de "legalização do bico". Hoje, em São Paulo, os PMs têm uma escala de 12 horas de trabalho por 36 de descanso, mas podem trabalhar na folga em funções do estado e do município, como as operações Delegada e Dejem. Com as horas extras, o salário tem acréscimo de até 3 mil reais. "Nós, da Ouvidoria, defendemos que esse aumento seja incorporado ao salário, porque como hora extra não tem impacto na aposentadoria, no décimo terceiro, não é um benefício." Caseri acredita que, ao comprometer o descanso para complementar a renda, o policial acumula estresse e sofrimento, o que aumenta as chances de abordagens mais violentas e adoecimento mental.

A Secretaria de Segurança informa que as forças contam com ações permanentes de saúde mental. "O sistema da Polícia Militar é coordenado pelo Centro de Atenção Psicológica e Social. A Polícia Civil, por sua vez, oferece suporte por meio da Divisão de Prevenção e Apoio Assistencial." A Secretaria de Administração Penitenciária não respondeu até o fechamento desta edição. •

ALEX FERNANDES/GOVSP E ROBERTO SUNGI/ATO PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO

ines249

Gol da virada

DITADURA Alvo do regime, o atacante Reinaldo está prestes a ser anistiado

POR FABÍOLA MENDONÇA

Um dos maiores atacantes da história do Atlético Mineiro e do futebol brasileiro, Reinaldo está prestes a se tornar o primeiro atleta anistiado pelo Estado por conta da perseguição sofrida durante a ditadura. Na terça-feira 2 de dezembro, a Comissão Nacional de Anistia vai julgar o pedido de reparação do ex-atacante, caso inédito e atípico se comparado às mais de 8 mil solicitações desde o início dos trabalhos, duas décadas atrás. Chamado de Rei pela torcida do Galo, Reinaldo entrou na mira dos militares após adotar uma comemoração "subversiva", o punho cerrado nos moldes dos Panteras Negras, movimento dos Estados Unidos que propunha um combate sem tréguas ao racismo. O gesto, no caso de Reinaldo, era uma crítica ao regime de exceção que não passou despercebida pelos gabinetes de Brasília, pelas casernas e pelos porões.

A implicância militar aumentou depois de uma entrevista do jogador ao jornal *Movimento*, de oposição ao regime, com duras críticas à ditadura, em defesa da democracia e apoio às eleições diretas. A partir daí, o Serviço Nacional de Inteligência passou a monitorar o atacante, segundo a historiadora Crystyna Loren Teixeira em sua pesquisa de conclusão de curso. "O Rei tinha razão, havia algo sendo produzido com seu nome dentro dessas 'forças ocultas', como escolheu nomear, que o prejudicou, mesmo que de forma velada", afirma a pesquisadora. Loren encontrou no Arquivo Nacional relatórios produzidos pelo SNI a partir de recortes de jornais da época, nos quais Reinaldo aparece se manifestando contra a ditadura, que o classificava como uma "ameaça ao governo vigente".

O centroavante era intimidado em todas as partes, dentro e fora de campo, e chegou a ser pressionado pelo ditador Ernesto Geisel. "Na despedida da Seleção Brasileira para ir à Copa do Mundo da Argentina, em 1978, nós fizemos um jogo em Porto Alegre. Depois da partida, teve aquele protocolo de falar com o presidente da Junta Militar, lá no Palácio Piratini. O ministro de Educação da época, Ney Braga, falou: 'Olha, o presidente Geisel quer te conhecer' e me levou até ele. Lá, com aquela farda do Exército, ele falou: 'Ó, menino, você joga bola muito bem, mas não fale de política, deixa que a gente faz política'. E aquilo me abalou muito, por causa daquela atmosfera, aquele clima que existia", relembra Reinaldo. "Um general, um presidente, falando isso com um garoto, eu tinha 20 anos, é muita pressão. Isso, de alguma forma, tirou um pouco da minha concentração."

Não bastasse o recado de Geisel, no percurso até Buenos Aires rumo ao Mundial, o então coronel André Richer, integrante da comissão técnica da Seleção, sentou-se ao lado de Reinaldo e foi claro. "Ele falou 'olha, você vai jogar a Copa do Mundo e, se fizer o gol, não faça aquele gesto', se referindo ao punho cerrado", diz o ex-jogador. Mal chegou na Argentina, Reinaldo ainda recebeu no hotel onde estava concentrado um envelope, segundo ele, da Operação Condor. "Quando cheguei no apartamento, pouco tempo depois batem à porta e me entregam um envelope da Venezuela, na época trazendo um relatório da Operação Condor e de militares da América. Na hora que vi aquilo, eu já estava um pouco perturbado, incomodado com aquela pressão do Geisel, coloquei o envelope debaixo da cama, e assim eu passei a Copa do Mundo." O documento, recorda, citava algumas das mortes descritas como acidentais ocorridas na ditadura, entre elas a do ex-presidente Juscelino Kubitschek, cujas versões são contestadas.

"A pressão foi tanta que, quando eu faço o primeiro gol na Copa do Mundo, Brasil e Suécia, no primeiro momento eu abro os braços na comemoração, meio retraído, e, só depois que eu falei 'ah, vou fazer o gesto', aí, levantei o braço de punho cerrado." A resposta foi imediata. A partir do segundo jogo, Reinaldo perdeu a titularidade e ficou no banco de reservas, só voltou a jogar na disputa do terceiro lugar. "Era para eu estar na Copa tranquilo, mais focado no futebol, e acabei pressionado pela alta cúpula militar." Mesmo com a abertura política, o atacante ex-Galo continuou preterido. Participou das eliminatórias da Copa de 1982, mas foi cortado e ficou de fora do Mundial. Um dos mais importantes comentaristas esportivos do País, o jornalista Juca Kfouri relem-

> Na Copa de 1978, suas posições políticas custaram a titularidade na Seleção

ines249

Comemoração "subversiva", segundo o SNI

REDES SOCIAIS/CLUBE ATLÉTICO MINEIRO

bra o ocorrido. "Reinaldo foi um gênio na grande área e, infelizmente, não pôde jogar a Copa de 1982, como sonhava o técnico Telê Santana. Ele era a cereja que faltou no bolo para formar um quarteto inigualável com Falcão, Sócrates e Zico. Sempre teve a coragem, também, de mostrar seu inconformismo com a ditadura."

Reinaldo continuou como centroavante do Atlético Mineiro até 1985, clube pelo qual jogou 475 partidas e marcou 255 gols, que fazem dele o maior artilheiro do clube até o momento. Despois de deixar o Galo, vestiu a camisa do Palmeiras, Rio Negro e Cruzeiro, além de ter passado pelo BK Hacken, da Suécia, e pelo Telstar, da Holanda, onde se aposentou em 1988. Atualmente é comentarista esportivo e relações públicas do Atlético Mineiro. Para Ana Oliveira, presidente da Comissão Nacional de Anistia, é grande a probabilidade de o requerimento ser deferido pela relatora do caso, a conselheira Rita Sipahi. "Pelo que a gente viu dos autos, há realmente indícios, e a relatora está analisando esses dados, de que realmente ele foi preterido por conta da sua posição política." •

ALERTA AO MUNDO

A Igreja Maranata realiza a quinta edição do Trombetas e Festas

"VAMOS TRATAR DE UM TEMA POUCO CONHECIDO, QUE CERTAMENTE SURPREENDERÁ E AGRADARÁ PROFUNDAMENTE", AFIRMA O PASTOR ALEXANDRE GUEIROS

A Igreja Cristã Maranata promove no sábado 29, a partir das 17 horas, a quinta edição do "Trombetas e Festas 2025", um dos maiores eventos evangelísticos do mundo, realizado por uma única congregação. Trata-se de um chamado para entender o que acontece nos dias atuais, por meio de um alerta dos sinais da volta de Jesus Cristo.

Presente em mais de cem países, a Maranata lança mão dos recursos da tecnologia audiovisual disponíveis para chegar aos quatro cantos da terra com a mensagem. A partir de Maanaim de Carapina, no município de Serra, no Espírito Santo, a mensagem será transmitida via satélite, internet, tevê aberta e por diversas outras plataformas de rádio, tevê e *streaming*.

A expectativa é de que em torno de 2,5 mil fiéis acompanhem presencialmente a cerimônia. A organização conta com cerca de 500 voluntários, distribuídos em mais de 30 equipes de trabalho, com o objetivo de garantir, no local da transmissão, conforto, organização e outros recursos para que todos os presentes possam aproveitar ao máximo o momento e a experiência de participar do culto especial.

Além da organização, pastores de outros países e autoridades de todos os poderes constituídos também devem marcar presença, a exemplo de edições anteriores. E o louvor será conduzido por orquestra e coral formados por mais de 500 músicos.

As mais de 5 mil Unidades Eclesiásticas da igreja em

MENSAGEM
O encontro cresce ano a ano. Acima, o pastor Gedelti Victalino Teixeira Gueiros, fundador da igreja, morto neste ano

todo o Brasil, assim como outros inúmeros no exterior, estão envolvidas no trabalho evangelístico. Todos os templos estarão preparados para receber os visitantes convidados a participar do mesmo culto, que será transmitido. A Maranata tem mais de 5 mil igrejas no Brasil e está presente em todos os continentes

O nome da Instituição – Maranata – expressa seu propósito: anunciar que Jesus em breve arrebatará sua igreja, mensagem central presente em todos os cultos e reuniões. A palavra "Maranata", que significa "O SENHOR JESUS VEM" em aramaico, tem por objetivo alertar e, ao mesmo tempo, é um clamor para que esse fato aconteça logo, o arrebatamento. A interpretação dos fatos e registros bíblicos sob a ótica profética conduz a igreja à compreensão de sinais e profecias que se revelam com coerência.

A partir dessa perspectiva, as festas instituídas por Deus para o povo de Israel, no Antigo Testamento, passam a apontar profeticamente, de maneira clara e precisa, para o tempo em que vivemos hoje. Assim, a mensagem apresentada no evento tem por objetivo proporcionar esclarecimento e conhecimento de fatos e evidências em relação à nossa vivência e ao que está por vir.

"Estaremos adorando a Deus e compartilhando uma palavra que, tenho certeza, será motivo de edificação para todos, porque vamos tratar de um tema pouco conhecido, que certamente surpreenderá e agradará profundamente. Será um grande prazer espiritual, pois todos passarão a conhecer mais sobre o Senhor Jesus e sobre a proximidade de Sua volta", afirmou o pastor Alexandre Gueiros.

A primeira edição do Trombetas e Festas foi realizada em 24 de novembro de 2019. Após dois anos impossibilitada de promover a programação devido à pandemia de Covid-19, a Maranata retomou o encontro em 2022. Desde então, a reunião acontece anualmente, sempre com uma abordagem atualizada. Em 2025, acontece pela quinta vez, sempre com números impressionantes. No ano passado, mais de 1 bilhão de cristãos foram alcançados pelo evento nos cinco continentes.

O Trombetas e Festas tem seu nome inspirado em referências bíblicas. "Trombetas" simbolizam os sinais proféticos que se manifestam nos dias de hoje. Já o termo "festas" se refere às festas de Israel, que apontam profeticamente para o momento que a Igreja vive hoje e que será concluído com a vinda do SENHOR JESUS. Para a Maranata, os toques das trombetas são sinais do cumprimento do projeto de Deus para o homem, anunciando que o tempo está avançando e proclamam para uma mensagem profética: Jesus vem.

O intuito neste ano é compreender mais profundamente esses sinais e viver um tempo de comunhão e renovação espiritual. A cada edição, a celebração destaca a situação em diferentes setores, do meio ambiente à geopolítica.

Em 2025, a Maranata perdeu seu fundador e presidente, o pastor Gedelti Victalino Teixeira Gueiros, aos 93 anos, vítima de um infarto. Foram 57 anos dedicados à instituição religiosa evangélica, desde a sua fundação, em janeiro de 1968, em Vila Velha (ES), como resultado de um movimento de renovação e de avivamento que impactou denominações tradicionais da época.

TROMBETAS E FESTAS 2025

QUANDO: SÁBADO (29/11), A PARTIR DAS 17 HORAS
ONDE: MAANAIM DE CARAPINA, SERRA (ES)
TRANSMISSÃO: VIA SATÉLITE, INTERNET, TV ABERTA, E DIVERSAS PLATAFORMAS DE RÁDIO, TV E *STREAMING* DA ICM

ines249

Álcool na tomada

AUTOMÓVEIS O híbrido da BYD movido a etanol e eletricidade é um modelo de inserção mais vantajosa do Brasil no setor

POR CARLOS DRUMMOND

A reabertura do Salão Internacional do Automóvel em São Paulo, com a presença do presidente Lula, assinala bem mais que a retomada do setor, após nove anos de ausência do evento e depois da tentativa malsucedida de lançar a política e a economia do País no pântano. Simboliza a possibilidade concreta de inserção da indústria brasileira na arena de disputa de padrões tecnológicos polarizados entre a China e os Estados Unidos, em um contexto distinto daquele do surgimento do setor automobilístico no País no século passado.

A produção, pela BYD, do primeiro carro híbrido 100% brasileiro que roda com etanol e energia elétrica, com tecnologia criada por engenheiros do Brasil e da China, revela o atual processo, marcado pelo aumento expressivo dos investimentos chineses na manufatura brasileira. As inversões ocorrem no contexto do programa "Nova Indústria Brasil" e essa peculiaridade parece conferir ao processo um significado diferente em relação às ondas anteriores de entrada de capital externo. No estudo *Investimentos Chineses no Brasil 2024*, o economista Tulio Cariello, diretor de Conteúdo e Pesquisa do Conselho Empresarial Brasil-China, a NIB é mencionada seis vezes e o autor aponta o que seria um alinhamento de boa parte do investimento chinês à política industrial brasileira.

"Partes importantes dos investimentos chineses não por acaso coincidem com prioridades da Nova Política Industrial. Isso mostra que a NIB, apesar das suas limitações, foi bem desenhada", afirma o economista Antônio Carlos Diegues, professor do Instituto de Economia da Unicamp e coordenador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia. A convergência ocorre porque setores e áreas considerados estratégicos nessa política industrial também são estratégicos para os chineses. Ou seja, está alinhada com o a vanguarda tecnológica, na qual se dão as disputas tecnológicas mundiais. Há uma coincidência de áreas. As mais representativas são novas energias, transição verde e veículos elétricos, acrescenta Diegues.

A transferência tecnológica é, porém, mais complexa. "Talvez a gente precisasse exigir um pouco mais de transferência de tecnologia. Mas é muito difícil fazer isso, negociar, disputar, leva tempo. Não é um tempo tão veloz como a gente gostaria que fosse e não é também o tempo do ciclo político eleitoral de quatro anos. O que complica ainda mais a situação", sublinha o professor. O processo passa pela construção de uma parceria de cooperação científica e tecnológica e de aproximação, iniciada décadas atrás nos foros institucionais do Sul Global, na criação dos BRICS, na atuação do Itamaraty e de Lula. "E não quer dizer que os chineses queiram transferir tecnologia tão claramente, porque isso é central para eles também. Então é uma disputa. E há tensões."

Garantir transferência tecnológica relevante é, porém, tarefa complexa

Em contrapartida, prossegue, a NIB tem um desenho mais sofisticado e um diagnóstico mais complexo e atualizado, em termos de instrumentos e de leitura de política industrial, na comparação com as políticas industriais anteriores nos governos Lula e Dilma. Há diversos instrumentos de incentivo, de contrapartida, que passam pelo desenvolvimento de atividades de pesquisa e desenvolvimento locais. Além de métricas para o adensamento produtivo e do incentivo para o investimento, com depreciação acelerada e impostos reduzidos quando há a formação de uma rede de fornecedores locais e se for constituída uma cadeia produtiva um pouco mais complexa. Há casamento desses incentivos com métricas para a realização de atividades de pesquisa e desenvolvimento no Brasil. Esse é um primeiro passo para avançar rumo à construção de capacitações tecnológi-

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 40
Negócios. A farmacêutica Eli Lilly é a mais nova integrante do clube do trilhão

Percurso. O investimento na inovação e pesquisa em meados dos anos 1970 ainda rende frutos. O uso de álcool e baterias elétricas indica um caminho interessante

BYD BRASIL/COP30 E ACERVO STELLANTIS/FIAT

cas locais, aprendizado inovador e na direção de construir adiante condições para a transferência de tecnologia, ressalta.

"Colocar na prática, claro, é muito difícil, quando se vai fazer política há limitações e restrições de ação do Executivo, um Congresso com outras interpretações do que seria uma estratégia de desenvolvimento, *lobbies*, a força das multinacionais chinesas", destaca Diegues. Mas tudo isso é razoavelmente bem contemplado na NIB para entender a centralidade da inovação vinculada à transição verde e digital, e isso está no radar e nos instrumentos e nas políticas.

Corre-se sempre o risco de que a internacionalização do capital externo não traga o adensamento da industrialização local, alerta o economista. "É exatamente o que acontece com a BYD. Tem de ficar o tempo todo atento, oferecendo incentivo, diversas políticas que visem aumentar a densidade produtiva e tentem impor algumas condições à montadora e a outros capitais chineses que, se fossem deixados ao sabor das livres forças do mercado, não teriam tanto interesse em adensar a produção doméstica no Brasil e em nenhum outro lugar do mundo." Cabe acrescentar que, por exigência do governo e pressão da Anfavea, associação das fabricantes estadunidenses e europeias, a BYD desistiu da intenção de apenas enviar veículos prontos ou desmontados ao País e acelerou a instalação da unidade em Camaçari, para escapar da antecipação da alíquota máxima de importação de 35%, de 2027 para 2026.

O novo cenário tributário pressionou tanto a BYD quanto a GWM a acelerarem seus planos de produção e nacionalização de componentes no Brasil para manterem preços competitivos. "Os EUA e demais países ocidentais tentam barrar o avanço chinês em terceiros mercados e o acesso a algumas tecnologias. E me parece claro que, pela primeira vez na história desde a primeira revolução industrial, há uma disputa pela liderança nos padrões tecnológicos em gestação para além das chamadas democracias liberais", sublinha Diegues. Ou seja, a tríade EUA, Europa e Japão *versus* a China. Isso não aconteceu nem com a União Soviética, que não tinha o objetivo de levar a internacionalização do seu padrão para outros países além das repúblicas soviéticas. E essa disputa ocorre primordialmente no Brasil e na América Latina", conclui o economista. •

ines249

ADALBERTO VIVIANI
Consultor de marketing e comunicação especializado em bens de consumo

Tri, de trilhão

▶ A farmacêutica Eli Lilly entra para o restrito grupo de empresas trilionárias

A centenária Eli Lilly, fundada em 1876 em Indianápolis, acertou o passo. A empresa acaba de se transformar na primeira farmacêutica a alcançar 1 trilhão de dólares em valor de mercado, impulsionada pelo *boom* global dos medicamentos para diabetes e obesidade. A empresa projeta para 2026 faturamento anual de ao redor de 63 bilhões de dólares, com destaque para produtos como Mounjaro e Zepbound.

A febre das "canetas emagrecedoras", baseadas em agonistas de GLP-1, foi decisiva: as vendas do Zepbound cresceram 185% e alcançaram 3,6 bilhões de dólares no terceiro trimestre deste ano. Já o Mounjaro gerou perto de 6,5 bilhões de dólares em receitas no mesmo período.

No cenário global, a Eli Lilly trava uma disputa direta com a Novo Nordisk, principal rival. Enquanto o laboratório dinamarquês domina o mercado com o Wegovy e o Ozempic, a Lilly avança nos Estados Unidos e apresenta maior capacidade industrial para ampliar a oferta. A disputa movimenta o setor farmacêutico, com novos entrantes e consolidação de empresas. Aumenta ainda a busca de novas fórmulas que garantam dois desejos dos consumidores: emagrecer mais rapidamente e obter resultados mais duradouros.

Panetone... show

Quando se fala em Cacau Show, é preciso respeitar a ousadia de seu fundador. Em 1988, Alexandre Tadeu da Costa tinha 17 anos e 500 dólares emprestados por um tio para fazer e vender ovos de Páscoa. Enquanto todos procuravam uma galinha de ovos de ouro, ele apostou no coelho e ganhou. A empresa não só prosperou como se tornou a maior rede de franquias do País, com mais de 4,5 mil lojas e faturamento anual na casa dos 6,5 bilhões de reais, em números de 2024. Agora ele resolveu investir de vez na união do coelho com o Papai Noel. Em 2023, após um incêndio na fábrica em Linhares (ES), durante a reconstrução, reservou 150 milhões de reais para uma esteira de produção de panetones.

Com o novo equipamento em sua capacidade máxima, a Cacau Show não dependerá mais da produção de terceiros e conseguirá, no próximo ano, autonomia total. E mais: poderá passar a vender para outras marcas. Em 2024, a empresa comercializou 10,5 milhões de unidades e espera neste ano chegar a 12 milhões. Desse total, 9 milhões são de produção própria. A grande vantagem da Cacau Show é operar com uma rede de distribuição nacional com suas unidades franqueadas. Essa vantagem preserva a marca tanto da concorrência predatória das pequenas marcas quanto evita a comparação direta de preços com a Bauducco, líder no segmento.

Jeep com IA

O Jeep Avenger, vendido na Europa desde 2023, chegará ao Brasil em 2026 com uma inovação inédita na marca, a integração nativa do ChatGPT ao sistema multimídia. O SUV será produzido na fábrica da Stellantis em Porto Real, no Rio de Janeiro, e marcará a nova fase de digitalização do Jeep no País. A tecnologia permitirá que o motorista controle funções do veículo por voz, como climatização, navegação, ajustes de conforto e informações gerais, além de acessar respostas em linguagem natural durante a condução, tornando a experiência mais intuitiva e segura.

O modelo brasileiro seguirá o projeto global, com quase 4,08 metros de comprimento, 1,78 de largura e entre-eixos de 2,56. A motorização deve ser o conhecido 1.0 turbo flex, de, aproximadamente, 130 cavalos de potência, acompanhado de sistema híbrido leve de 12V para maior eficiência. No exterior, o Avenger possui uma versão totalmente elétrica. Ainda sem preço oficial no Brasil, o SUV deverá disputar o segmento de compactos *premium* com forte apelo de conectividade e inovação.

Óculos com IA

O mercado global de óculos com Inteligência Artificial vive uma expansão acelerada. Segundo a Omdia, as vendas devem crescer 158% em 2025 e bater em 5,1 milhões de unidades, impulsionadas principalmente pelos EUA e pela popularização de modelos como os óculos inteligentes da Meta.

A China é, porém, o destaque. Tende a tornar-se o segundo maior mercado, com 1,2 milhão de unidades até 2026. O avanço é puxado por fabricantes como a Rokid, que lançou um modelo leve em parceria com a Bolon, integrando as IAs chinesas como Qwen, DeepSeek e Doubao. A empresa projeta vender 1 milhão de unidades no próximo ano e superar a marca de 10 milhões em 2028. O varejo confirma o *boom*. No Dia dos Solteiros, 11 de novembro, as vendas de óculos inteligentes cresceram 2.500% na Tmall e 346% na JD.com. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

LUIZ GONZAGA BELLUZZO
Economista, consultor editorial de *CartaCapital* e ex-presidente do Palmeiras. É autor, entre outras obras, de *Valor e Capitalismo* e *Os Antecedentes da Tormenta*

O Master e a maestria financeira

▶ Não há como escapar, no capitalismo as decisões são governadas pela especulação permanente sobre o futuro

A liquidação judicial imposta pelo Banco Central ao Banco Master suscitou manifestações de economistas e jornalistas econômicos. As manifestações buscaram identificar as razões do infausto episódio com base nos critérios que assolam o "espírito microeconômico".

Vou cometer a ousadia de considerar a derrocada do Master a partir dos movimentos histórico-sistêmicos, gravados inexoravelmente nas formas constitutivas dos mercados financeiros, corpo e alma do capitalismo desde os primórdios de sua existência.

No livro *Manias, Panics, and Crashes*, o economista Charles Kindleberger faz uma autópsia dos processos maníacos que, inevitavelmente, culminam no colapso de preços dos ativos financeiros e nas crises de crédito. Assim foi em Amsterdã, no episódio da Tulipomania, um antepassado modesto dos grandes *crashes* dos séculos XX e XXI. Entre 1634 e 1637, os investidores holandeses, muitos de classe média, especularam furiosamente com a possibilidade de negociar, a preços cada vez mais elevados, os bulbos de tulipa, que, ademais, tinham a vantagem de exigir muito pouco ou nada para a sua reprodução.

Na base das expectativas exacerbadas quanto à evolução do preço das tulipas estavam o Banco de Amsterdã e sua capacidade de estender o crédito e de suportar o avanço da especulação.

Desde a Tulipomania de 1634, passando pelas crises cada vez mais frequentes do século XVIII, como a Bolha dos Mares do Sul, em 1720, e chegando aos desastres financeiros dos séculos XX e XXI, o que mais impressiona o observador é a semelhança entre episódios tão diferentes.

A evolução do sistema de crédito chegou ao ápice depois da Revolução Industrial. A expansão dos mercados, desde o século XI até o fim do século XVIII, foi acompanhada de importantes transformações nos sistemas monetários e na operação do sistema de crédito. Com o renascimento do comércio à longa distância e a recentralização do poder político, as relações de débito e crédito ressurgiram nas feiras medievais. Eram administradas pelos grandes comerciantes encarregados de promover a liquidação, entre uma feira e outra, do saldo das operações mercantis e estabelecer as taxas de câmbio entre as diversas moedas que denominavam as transações.

Os bancos, na Era Mercantilista, concentraram-se no financiamento da dívida pública garantida por impostos e pelo poder dos soberanos. A passagem do mercantilismo para o liberal-capitalismo industrial suscitou a metamorfose do sistema de crédito. Depois da Revolução Industrial, com a aceleração dos negócios, os bancos ingleses ampliaram as operações de desconto mercantil, fortalecendo sua função de sistema de crédito internacional. O processo de reprodução capitalista – em suas indissociáveis dimensões "materiais" e financeiras – impôs a consolidação do sistema bancário, aí incluído o Banco Central.

O mundo das finanças viveu uma relativa calmaria nas três décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Há quem sustente que a escassez de episódios críticos deve ser atribuída, em boa medida, à chamada "repressão financeira". Esta incluía a prevalência do crédito bancário sobre a emissão de títulos negociáveis (*securities*), a separação entre os bancos comerciais e os demais intermediários financeiros, controles quantitativos do crédito, tetos para as taxas de juro e restrições ao livre movimento de capitais.

As inovações financeiras recentes reforçaram as técnicas de "alavancagem" e as tentativas de mitigar o risco por meio de operações contratuais nos mercados futuros. O capital financeiro, para o bem e para o mal, é fonte e instrumento dos processos denominados pela vulgata econômica como "especulativos", empenhados na valorização dos ativos "reais" e financeiros. No capitalismo, as decisões são governadas pela especulação permanente sobre o futuro, o que envolve a contínua reavaliação do presente.

Aqui cabe uma observação: a separação entre "ativos reais" e "ativos financeiros" é enganosa. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é a mesma coisa. A precipitação do dinheiro de crédito no mercado tem o propósito de gerar mais dinheiro. Se o dinheiro não circula, os "ativos reais" e financeiros avaliados "dinheiristicamente" nos balanços de bancos, empresas, famílias, padecem o risco de perder valor. Valor sempre avaliado em termos monetários-financeiros.

Insisto: nos sistemas monetário-financeiros, o dinheiro circula como unidade de conta, meio de pagamento – e, mais importante, é forma inescapável de mensuração do valor das empresas "produtivas" e financeiras. A dimensão Dinheiro-Riqueza submete as empresas e instituições financeiras aos critérios incontornáveis de mensuração e escrituração nos balanços. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

Construção do verde perene

ProFloresta+ tem BNDES e Petrobras em um modelo de longo prazo que financia restauração, garante compra de créditos e organiza a cadeia florestal

A Amazônia convive com extensas áreas degradadas que nunca tiveram de fato um modelo contínuo de recuperação. Projetos de restauração surgiram ao longo dos anos, mas quase sempre enfrentaram o mesmo obstáculo, a instabilidade. Faltavam contratos duradouros, financiamento compatível com o ciclo das espécies nativas e segurança para quem trabalha com coleta de sementes, produção de mudas e manejo da vegetação. Sem previsibilidade, a recomposição avançava lentamente e muitas iniciativas não conseguiam permanecer em campo pelo tempo necessário. A iniciativa ProFloresta+, criada pelo BNDES em parceria com a Petrobras, nasce para encerrar esse problema que travava da recuperação da floresta.

O programa abriu o primeiro edital para contratar 5 milhões de créditos de carbono obtidos a partir da restauração de pelo menos 15 mil hectares – área equivalente a 15 mil campos oficiais de futebol. O mecanismo combina uma demanda garantida de longo prazo e condições financeiras adequadas ao tempo da natureza. A Petrobras compromete-se a comprar os créditos ao longo de 25 anos, enquanto o BNDES oferece linhas específicas para restauração, com custo financeiro de 1% ao ano por meio de linhas de crédito especiais, como o Fundo Clima. Essa junção resolve um vazio antigo no setor, uma vez que empresas interessadas em restaurar áreas degradadas quase nunca tinham acesso a crédito que permitisse planejar o ciclo completo da recomposição, que pode chegar a 25 anos.

O edital aceita projetos individuais ou consórcios de até quatro empresas, que podem disputar lotes de 1 milhão a 3 milhões de créditos. Cada lote exige a restauração mínima de 3 mil hectares com espécies nativas. As empresas precisam identificar áreas, comprar ou arrendar terrenos, organizar o fornecimento de sementes, estruturar viveiros, plantar e realizar o monitoramento necessário para certificar os créditos. O cronograma respeita os tempos da floresta, com a entrega dos primeiros créditos prevista para até sete anos após a assinatura dos contratos, e novas entregas a cada cinco anos.

A restauração na Amazônia depende de contratos longos, crédito estável e capacidade de manter cadeias florestais que sempre trabalharam sem previsibilidade

Esse modelo mexe em cadeias que sempre funcionaram de forma precária. A coleta de sementes depende de planejamento, equipes treinadas e logística em regiões remotas. Viveiros precisam operar com regularidade, sem as interrupções que costumam ocorrer quando um projeto termina antes do previsto. A formação de mão de obra especializada exige continuidade e não se sustenta quando a restauração acontece apenas em projetos curtos. A previsibilidade trazida pelo ProFloresta+ cria um ambiente em que essas atividades deixam de depender da sorte e passam a integrar um ciclo produtivo mais estável.

O BNDES vê o programa como parte

ines249

ProFloresta+ vai selecionar projetos de restauração ecológica com espécies nativas

BANCO DE IMAGENS / GETTY IMAGES

de um esforço maior para reconstruir áreas degradadas na Amazônia. O banco já financia iniciativas de recomposição e vinha buscando instrumentos capazes de ampliar a escala desse trabalho. O ProFloresta+ funciona como uma engrenagem que integra crédito, padrões técnicos e contratos longos. A ação contou com instituições que trabalham com integridade ambiental, como o Nature Investment Lab, o Instituto Clima e Sociedade, o Agroicone e o Imaflora. A participação desses grupos ajudou a estabelecer critérios, salvaguardas e diretrizes que orientam o monitoramento e a qualidade dos créditos.

A Petrobras cumpre o papel de compradora dos créditos e reduz o risco de mercado enfrentado por quem investe em restauração. A estatal busca fontes confiáveis para a compensação de emissões e encontrou no programa uma forma de conectar metas ambientais a um esforço real de recuperação da floresta. O compromisso de compra cria um horizonte em que empreendedores conseguem planejar investimentos e distribuir custos ao longo de décadas, algo que iniciativas isoladas não oferecem.

O programa dialoga com outras ações do BNDES no Arco da Restauração, região que concentra municípios impactados por ciclos intensos de desmatamento. Nessas áreas, a recuperação da vegetação pode alterar a dinâmica econômica, aproximando atividades produtivas de práticas que valorizam a floresta em pé. O banco tem estruturado financiamentos voltados à recomposição da vegetação nativa e busca formas de integrar produtores, viveiros, coletoras de sementes e cadeias locais. O ProFloresta+ soma-se a esse esforço e acrescenta uma peça que faltava, contratos de longo prazo que criam estabilidade.

A meta do programa é restaurar 50 mil hectares e gerar 15 milhões de créditos de carbono. A primeira rodada pode mobilizar mais de 450 milhões de reais, valor relevante para movimentar cadeias produtivas que há anos funcionam com baixo investimento. A magnitude chama atenção porque conecta restauração, geração de renda, produção de insumos florestais e atividades de monitoramento que criam oportunidades em regiões que precisam de alternativas econômicas.

O ProFloresta+ põe em prática uma abordagem que tenta alinhar a duração do financiamento ao tempo ecológico. O ciclo das espécies nativas exige décadas, e dificilmente projetos curtos conseguem acompanhar essa lógica. Ao unir crédito de longo prazo e compra garantida de créditos, o programa cria um terreno mais sólido para quem pretende trabalhar com recomposição florestal na Amazônia. Também indica que é possível combinar desenvolvimento e proteção ambiental, não como discursos separados, mas como pilares da mesma política de recuperação territorial.

A iniciativa ainda está na primeira fase – as inscrições no edital vão até 10 de dezembro de 2025 –, mas já organiza uma trajetória que concentra previsibilidade, recursos e critérios técnicos. Para uma região que convive com passivos ambientais acumulados, a construção desse caminho oferece uma base mais consistente para que a restauração deixe de ser mera coleção de iniciativas dispersas e passe a funcionar como atividade contínua. O ProFloresta+ coloca o BNDES como um dos protagonistas dessa transição e mostra que o financiamento público pode estruturar modelos que o mercado, sozinho, não conseguiu sustentar.

Produzido por Studio Carta

ines249

Putin ri por último

GUERRA Os Estados Unidos forçam Kiev e a Europa a aceitarem um acordo de paz nos termos estabelecidos por Moscou

POR JOÃO PAULO CHARLEAUX

A Casa Branca apresentou uma proposta de acordo de paz para encerrar os quatro anos de guerra entre a Rússia e a Ucrânia. A primeira versão do documento de 28 pontos, vazado pelo site norte-americano Axios, era tão favorável a Moscou que os ucranianos a tomaram como um pedido de rendição trasvestido de acordo de paz. Pela proposta, a Ucrânia perderia território, reduziria seu efetivo militar, ficaria de fora da Otan e mudaria de governo. Em troca, talvez, deixaria de ser atacada.

O tom de ultimato reforçou a imposição: os EUA queriam uma resposta positiva de Kiev até 27 de novembro. Isso daria ao presidente Donald Trump a chance de festejar o que ele esperava ser seu mais novo triunfo como negociador, em pleno feriado de Ação de Graças. A Europa reagiu, no entanto, em bloco, assim que o acordo vazou, e disse ao republicano que a proposta era um prêmio à atitude agressiva e desafiadora do presidente da Rússia, Vladimir Putin. "A primeira versão refletia, em muitos aspectos, os objetivos russos nesta guerra e no processo de negociação. Eu a chamaria de 'acordo de capitulação', muito longe do que se poderia chamar de paz justa, se é que isso é possível", avalia Mateusz M. Piotrowski, chefe do Programa das Américas do Instituto Polonês de Assuntos Internacionais, baseado em Varsóvia. A impressão do analista foi compartilhada por muitos líderes europeus. Para o chanceler alemão, Friedrich Merz, "se a Ucrânia perder essa guerra e colapsar, isso teria um impacto na política europeia como um todo, em todo o continente".

Muitos comparam a situação atual aos momentos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, em 1939. O avanço de Putin sobre a Ucrânia teria paralelos com o avanço de Adolf Hitler sobre a Tchecoslováquia e a Polônia. Há 87 anos, a Europa tolerou a agressão de Hitler, com a esperança de que ele parasse por ali. Hoje, não querem protagonizar o que veem como a repetição de um erro do passado. Dois dos pontos da proposta reforçam essa sensação de *déjà vu*: a perda definitiva das regiões de Donetsk e Lugansk e a redução do efetivo militar ucraniano para um teto de 600 mil militares, o que implicaria a cessão de, aproximadamente, 20% do território ucraniano, justamente a parte invadida e anexada à força pela Rússia em 2022, e na incapacidade permanente de reverter esse arranjo no futuro por meios militares, uma vez que a Ucrânia reduziria seu próprio efetivo, ficaria de fora da Otan e não poderia contar com tropas internacionais de nenhuma espécie estacionada nos limites de suas fronteiras. "Queremos a paz, mas não a paz que seja uma capitulação", disse o presidente da França, Emmanuel Macron, agregando amplitude e força ao que o colega ucraniano Volodymyr Zelensky havia dito na véspera: se forçada a escolher, a Ucrânia prefere perder um aliado como os EUA a ficar sem uma parte do território. Talvez perca as duas coisas de uma vez.

Parece mais uma capitulação do que uma negociação

Além do mais, são perdas que têm ocorrido aos poucos. Desde o retorno de Trump à Presidência, os EUA adotaram uma posição muito mais distante dos aliados militares europeus e mais flexível em relação a Moscou. O momento mais simbólico dessa virada talvez tenha sido a fatídica reunião no Salão Oval da Casa Branca, em fevereiro, quando uma tropa de choque trumpista, encabeçada pelo próprio presidente norte-americano, humilhou Zelensky diante das câmeras. Em seguida, a Casa Branca impôs à Ucrânia um acordo abusivo de exploração de recursos naturais em troca de um apoio militar que, em vez de ser enviado diretamente a Kiev, como acontecia no governo do democrata Joe Biden, passou a ser dado aos aliados da Otan, que se encarregaram de triangular a entrega de armas e munições no *front*. Com isso, Trump manteve os altos lucros das empresas do setor de

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 46
Viagem. Relatos de uma visita à Ucrânia em meio à guerra com os russos

PRESIDÊNCIA DA UCRÂNIA E DANIEL TOROK/CASA BRANCA OFICIAL

Fora da mesa. Trump negocia com Putin e impõe as regras a Zelensky. Trata-se de uma guinada radical da Casa Branca em relação ao governo do democrata Biden

defesa e conseguiu, ao mesmo tempo, dizer a Putin que os EUA não mais municiam os ucranianos diretamente, apenas mantêm a cooperação militar com seus parceiros europeus, que assumem por conta própria a responsabilidade de alimentar os inimigos de Moscou.

A declaração, evidentemente cínica, foi parte de um enxoval de agrados que antecedeu o encontro de Trump e Putin no Alasca, em agosto. Na ocasião, o republicano estendeu um enorme tapete vermelho para receber um líder que, até pouco tempo, era inimigo declarado de Washington.

O mais recente plano de paz seria a coroação desse processo de aproximação com Moscou e de distanciamento da Ucrânia e dos europeus. Trump ainda faz um jogo cheio de ambiguidades, pois, mesmo depois do encontro no Alasca, voltou a anunciar novas sanções contra Moscou. Toda essa dança não é mais do que uma tentativa errática de combinar pressão com afagos, com a intenção de produzir um desfecho favorável para um conflito que, durante a campanha eleitoral, havia prometido encerrar em 24 horas depois de voltar à Casa Branca.

Parte dessa confusão de papéis dos EUA deve-se a divisões existentes no próprio governo. Segundo Piotrowski, o secretário de Estado, Marco Rubio, "tem uma abordagem tradicional, vendo a Rússia como uma ameaça, compreendendo as ambições imperialistas de Putin e também entendendo como a Rússia, durante anos, dividiu o povo americano com desinformação e sabotou a posição dos EUA em diferentes partes do mundo, como o Oriente Médio e a América do Sul". Já o vice-presidente, JD Vance, "pensa haver alguma conexão conservadora entre os Estados Unidos e a Rússia, baseada em crenças religiosas, valores familiares tradicionais etc., e que isso deveria ser a base para a abordagem e a cooperação nos próximos anos". Por fim, o enviado de Trump, Steve Witkoff, "acredita que o país poderia ganhar bilhões de dólares com comércio, investimento, cooperação energética e minerais críticos logo após o levantamento das sanções" que viriam com o fim da guerra, mas isso, "da perspectiva da economia americana, seria insignificante".

Enquanto os próprios norte-americanos batem cabeça entre si e com seus aliados europeus, Putin continua a colher vitórias no campo de batalha e a colecionar avanços em terreno. Zelensky, por outro lado, vive um mau momento, marcado não apenas pelo cansaço da própria população, mas por uma série de escândalos de corrupção que erodem seu prestígio e enfraquecem sua posição nas negociações. •

ines249

O que vi na Ucrânia

RELATO DE VIAGEM Não há medo na população, apesar dos anos de suplício

POR VITOR HUGO BURKO*

Fui de ônibus de Varsóvia a Kyiv. Sim, a grafia correta é Kyiv. Dezoito horas de viagem. Nenhum voo é permitido. No trajeto, tudo parecia relativamente normal. Na chegada fui recebido por Mariana, profissional de um grande escritório de advocacia. Ela me acompanhou durante toda a minha estada. Bastante incomodada com a guerra. Fiquei hospedado em um hotel lindíssimo, quase vazio, ao lado de um parque que margeia o Rio Dnipro. Mariana me indicou um *bunker* próximo para me abrigar em caso de alerta. Cidade linda. Movimentada, organizada e muito bem estruturada. Não vi sinais de guerra. Depois entendi o porquê. Fui com Mariana conhecer os arredores. Experiência chocante. Passei pelas estradas por onde entraram os primeiros tanques russos. Nenhuma instalação militar. Somente casas de civis, algumas propriedades rurais e pequenas empresas. Tudo destruído. Paredes ainda de pé, perfuradas por balas de metralhadora. Muitos sinais de foguetes e tiros de canhão. Nada foi poupado.

Não foi uma invasão militar. Não foi um combate entre exércitos. Foi uma caçada humana. Alguns conflitos étnicos ao redor do mundo têm raízes históricas de agressões mútuas. Nada justifica soldados atirarem contra cidadãos desarmados. Mas ao menos há uma explicação histórica, que se insere nas mentes dos agressores, que a usam como justificativa. E nesse caso? Qual conflito histórico poderia embasar tal barbárie? O que fez o povo ucraniano historicamente contra a Rússia? O extermínio de mais de 6 milhões de ucranianos pela fome imposta por Joseph Stalin foi motivada por qual conflito? Foi vingança? Tentativa de autoproteção?

Quais agressões os ucranianos praticaram contra os russos? A Ucrânia acreditou na promessa russa e entregou o arsenal nuclear em troca de proteção e garantia de território. Quanta ingenuidade. Os motivos de Stalin são os mesmos de Vladimir Putin. Não há risco. Não há agressão. Não há motivos para ressentimentos, nem de vingança. Haveria de parte da Ucrânia, jamais da Rússia. Algum tempo passei lá com um diplomata. Ele me explicou o contexto histórico. A espinha dorsal do império russo, seja como for chamado, é composta basicamente de três etnias: os bielorrussos, os ucranianos e os russos. A primeira estruturação desse grande grupo era chamada de "Rus de Kyiv", Estado europeu criado pelo príncipe Oleg no ano de 880, que abrangia a Ucrânia, a Bielorrússia e parte da Rússia. O principado de Moscou era parte, e aproveitando a invasão do império Mongol, por meio da vassalagem, deslocou o centro de poder para a sua sede. Depois, alguns governantes tentaram encontrar raízes de seu Estado reescrevendo a história. Sem outros povos eslavos orientais, historicamente a Rússia não tem vínculos com os povos europeus. Assim, precisam da Ucrânia até para ter a história. Em 1721, Pedro, o Grande, para vincular sua cultura à europeia, trocou o nome de Principado de Moscou para Rússia, assim vinculando o nome ao antigo Estado – Rus de Kyiv –, mas agora com sede em Moscou.

O mundo se dará conta do grande serviço prestado pela resistência do país

Os bielorrussos, no contexto histórico, foram dominados e descaracterizados. Sobrou o teimoso e renitente povo ucraniano. Tem sido historicamente assassinado e perseguido para abandonar costumes, cultura e língua. É muito mais que uma questão territorial. É o ego doentio de governantes que atiram seus amigos de janelas de prédios e envenenam seus críticos. É a tentativa de utilização do terror para a supressão da história de um povo.

Destruíram todas as indústrias do Donbass. Minaram todos os campos agrí-

ines249

Terra arrasada. Nos arredores de Kiev, casas destruídas, restos de mísseis e a lembrança das vítimas do exército russo

VITOR HUGO BURKO

colas. Não há mais riqueza. Não se destrói aquilo que queremos possuir. Putin não deseja 20% da Ucrânia. Tentou fazer um "passeio militar", aterrorizando o povo. Utilizando o território da Ucrânia como degrau e seu povo como vassalo da tirania. Passou vergonha histórica. Nos primeiros dias, citou o império de Pedro, o Grande. Chegou a citar que a Grande Rússia se estenderia até Berlim. Abastecia a energia de boa parte da Europa. Pensou que teria o direito de dominar novamente boa parte dela. Teve seus sonhos interrompidos pelo exército ucraniano. Está até hoje circunscrito à parte do território ucraniano. Teve muitos tanques, navios e aviões destruídos. Na verdade, o seu império militar se demonstrou frágil e ineficiente.

Passei em frente a diversos cemitérios e murais com a bandeira da Ucrânia e fotos dos jovens assassinados por essa tirania. Não vi fraqueza nem medo no povo. Visitei uma fazenda e fotografei os restos de foguetes, pedaços de bombas e estilhaços recolhidos por lá. Bombas de fragmentação lançadas contra agricultores. Pedaços de ferro com o propósito de dilacerar cidadãos que somente têm como arma seu arado e a plantadeira.

Que tipo de ser doente é capaz de exterminar uma geração inteira, inclusive de seus próprios cidadãos, meramente para satisfazer seu próprio ego? E que tipo de gente é você, que tenta encontrar justificativa para endossar esse tipo de atrocidade? Estive com Batyr, um produtor rural que tem dois filhos no exército ucraniano. Nenhum medo ou insegurança. Nenhuma esperança nas promessas vazias de Putin. As casas e propriedades que continuam destruídas somente o estão porque as famílias foram integralmente assassinadas. Aqueles que sobreviveram, rapidamente consertam o que foi danificado. Por isso não vi destruição em Kyiv. O povo ucraniano imediatamente recomeça sua vida e mais uma vez mantém vivas sua resiliência e sua esperança.

Saí de Kyiv embarcado em um trem fora da estação fechada por alerta de ataque. Um tempo depois o trem para por algumas horas. Mais um alerta. Naquela noite nada aconteceu. Não escutei explosões nem presenciei ataques. Poucos dias depois, Putin continuou a matar civis desarmados. No dia 28, foram 600 drones, mais de 30 mísseis, 25 mortos e dezenas de feridos, só na capital. Não é confronto militar. É o terror de um louco, tentando intimidar uma nação.

A Ucrânia sobreviveu a diversos tiranos e resistiu a muitos exércitos opressores. Vai sobreviver também a Putin. Quando esse martírio terminar, pois nenhuma ação humana é eterna, a Ucrânia vai se levantar novamente. Vai contar com a solidariedade do mundo para reconstruir suas casas e indústrias, e reutilizar seus campos. Ainda que tardiamente, o mundo se dará conta do grande serviço que a bravura do povo ucraniano presta à humanidade, ao segurar o avanço dessa horda terrorista. •

Advogado, foi prefeito de Guarapuava (PR). Colaborador do movimento Humanitas Brasil-Ucrânia.

ines249

Efeito parabólica

MÚSICA Por meio de um curador camaronês, o Manguebeat, movimento nascido no Recife, em 1992, vai parar na Bienal

POR EDUARDO MAGOSSI

A palavra estuário, que designa a área em que água salgada e água doce se juntam, aparece tanto no texto de apresentação da 36ª Bienal de São Paulo quanto no manifesto *Caranguejos com Cérebro*, elaborado por Fred Zero Quatro, líder da banda Mundo Livre, em 1992, marco do movimento Manguebeat.

No estuário florescem os manguezais, ecossistema identificável pelo entrelaçamento de troncos e raízes e conhecido por ser muito fértil e abrigar uma multiplicidade de seres – nem sempre vistos e reconhecidos. Veio daí a metáfora do Manguebeat. Por meio de uma "antena parabólica enfiada na lama", Recife, cidade cercada pelo mangue e marcada pela multiplicidade de ritmos, vozes e ideias, se conectaria ao mundo.

E é essa parabólica imaginária que, passadas três décadas, conecta a Bienal, evento fundado em 1962 pela elite socioeconômica paulistana, ao movimento cultural nascido no Recife sob a égide da tecnologia e da diversidade.

O curador-geral da 36ª Bienal, o professor Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, era adolescente, em Camarões, quando descobriu a música dos grupos do Recife. Ficou à altura fascinado pela coexistência de culturas produzindo novos significados.

"Ao receber o convite para enviar uma proposta para a Bienal, Ndikung vai buscar inspiração naquele movimento do Recife", conta Thiago de Paula Souza, cocurador da Bienal. "Foi um momento em que, no meio de tantos conflitos sociais, músicos encontraram inspiração na paisagem local para produzir um movimento que modificou o que pensamos sobre artes e cultura brasileira."

Para dar mais concretude aos diálogos entre a Bienal aberta em 2025 e o manifesto de 1992, foi realizado, no domingo 23, o Festival do Mangue, que levou para o pavilhão, no Ibirapuera, Mundo Livre, Buhr e Maciel Salú. "São artistas que pensaram a conexão entre homem e natureza, entre os homens, e entre o ser humano, natureza e tecnologia", diz Souza, citando os temas que norteiam esta edição da Bienal.

Os três se apresentaram para uma pequena multidão, de diversas tribos e idades, um reflexo do próprio movimento, que pregava um mundo plural, em constante transformação. "Da monocultura basta a cana-de-açúcar", diz Fred Zero Quatro, lembrando um dos lemas do movimento que agora é também chamado de "Manguebit". Vocalista e letrista do Mundo Livre, ele foi um dos mentores do movimento, ao lado de Chico Science (1966–1997), líder da banda Chico Science & Nação Zumbi.

> O curador-geral Bonaventure Soh Bejeng Ndikung era adolescente, na África, quando descobriu os grupos pernambucanos

Juntos, Zero Quatro e Science delinearam o conceito que pregava um pensamento plural e coletivo; a junção de ritmos e gêneros; e a diversidade de ideias. Enquanto a monocultura empobrece o solo, o mangue fertiliza.

"Trouxemos o multiculturalismo em um momento de crise social e apatia. E trouxemos a autoestima para Recife, quando só o que vinha de fora era valorizado", disse Zero Quatro a *CartaCapital*, após a apresentação. "Esse movimento inverteu-se e foi Recife que começou a influenciar o mundo, se consolidando como um dos polos exportadores de tendências musicais."

No manifesto, Zero Quatro escreveu que, a partir da reavaliação do conceito de *pop*, mais de cem bandas surgiram na região do mangue a partir de 1991, "deslobotomizando e recarregando as baterias da cidade" com a mistura de ritmos locais a eletrônico, *rock*, *punk*, *ska* e *hip-hop*.

A primeira banda a se consolidar foi Chico Science & Nação Zumbi, com o álbum *Da Lama ao Caos* (1994). A letra de *Monó-*

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 54
Literatura. A amazonense Verenilde Pereira alcança a visibilidade aos 69 anos

logo ao Pé do Ouvido diz: *Modernizar o passado/É uma evolução musical/Cadê as notas que estavam aqui/Eu não preciso delas.*

Já o álbum de estreia do Mundo Livre S/A, *Samba Esquema Noise* (1994), começava com o questionamento do próprio movimento: *Sou eu transistor/Recife é um circuito/O país é um chip/Se a terra é um rádio/Qual é a música?*

Dos três eixos expositivos da 36ª Bienal, o que trata das cadeias de transformação é o que mais se aproxima do manifesto *Caranguejos com Cérebro*. Ali, um conjunto de obras reflete sobre a maneira pela qual culturas e sociedades lidam com assimetrias existentes e estruturas de poder, buscando criar novos caminhos de coexistência e beleza.

A instalação *Como Criar Raízes Aéreas*, de Rebeca Carapiá, revela uma planta de raízes aéreas, expostas ao tempo e às transformações. Embora não represente o mangue do Recife, mas uma vegetação da bacia do Rio Amazonas, a obra, na leitura do crítico de arte Mateus Nunes, "convida a compreender que não há contradição entre estar aficada no chão ancestral e alçar voo".

Mistura. Buhr abriu o Festival do Mangue, no Pavilhão que exibe obras que remetem ao Manguebeat. Acima, *Como Criar Raízes Aéreas*, de Rebeca Carapiá

Essa existência dupla, em nada contraditória, é, não por acaso, uma característica de Buhr, expoente do "Manguebit" que abriu o festival com uma performance arrebatadora. "Minhas grandes referências musicais são o Carnaval e as festas de São João. É a percussão do maracatu", diz a artista que, a partir da percussão, foi do *rock* ao *punk* e à música eletrônica.

Para Buhr, a imagem da parabólica na lama segue forte: "É a ideia de que podemos pegar informações de outros lugares e inventar um jeito próprio de realização, incluindo, destrinchando, colando referências, retalhos".

Buhr deu-se conta do alcance da influência do Manguebeat ao ser procurada pelo curador camaronês. "Quando eu, Mundo Livre, Nação Zumbi e Maciel nos reunimos com o Ndikung, achei impressionante a ligação entre o nosso movimento e o conceito que ele tinha para a Bienal, de alinhamento de arte, natureza, ritmos, música", explica.

Como diz Buhr, no mangue há muita transformação e também muita resistência: "Música, teatro, política, natureza, artes plásticas, tudo segue misturado nessa luta por humanização". •

NATT FEJFAR/FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO
E LEVI FANAN/FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

ines249

Deu a louca no mundo

CINEMA YORGOS LANTHIMOS PROCURA ESPELHAR, EM *BUGONIA*, UMA REALIDADE SOCIAL QUE SE APRESENTA NO LIMITE DO ABSURDO

POR ANA PAULA SOUSA

"Boa parte do que parece distópico, neste filme, não é exatamente ficcional. É, em grande parte, um espelho do nosso tempo." Foi assim que Yorgos Lanthimos definiu seu novo longa-metragem, *Bugonia*, em entrevista à *Hollywood Reporter*, ao exibi-lo no último Festival de Veneza.

O diretor grego explicou que, enquanto a palavra distopia remete ao futuro, o filme mostra algo que está acontecendo conosco agora: "Muito em breve, a humanidade vai encarar um ajuste de contas".

Bugonia, em cartaz no Brasil desde a quinta-feira 27, é, de fato, mais uma subversão da onda de filmes distópicos do que um retrato da distopia.

Em seu quinto trabalho com Lanthimos, a atriz Emma Stone dá vida a Michelle, CEO de uma empresa de bioengenharia. A alucinante trama começa quando ela é sequestrada por Teddy (Jesse Plemons), um apicultor desempregado, e seu primo Don (Aidan Delbis), um jovem emocionalmente vulnerável.

Teddy tem certeza de que a poderosa executiva é uma alienígena e de que foi responsável pelo experimento que deixou sua mãe em coma.

Lanthimos, diretor de *Pobres Criaturas* (2023), leva a trama a lugares surpreendentes e improváveis. Embora seja o *remake* de um filme sul-coreano de 2003, *Save the Green Planet!*, *Bugonia* está absolutamente colado a estes anos 2020.

O abismo social, as teorias da conspiração amplificadas pelas redes sociais e a crise climática servem de motor para ações e diálogos que, como bem diz o cineasta, espelham uma realidade que se nos apresenta no limite do absurdo.

A principal chave de interpretação para o filme tem sido a de que ele trata do colapso das grandes narrativas. Palavras e fatos parecem tão sujeitos a interpretações díspares que, talvez, resida aí a nossa verdadeira distopia. Ao site de Roger Ebert, o cineasta disse que o filme é, no fundo, sobre pessoas que estão tentando convencer umas às outras de sua visão de mundo.

"Fala-se muito, mas, na prática, nada acontece. A 'conversa' torna-se, desse modo, o fato em si, a própria inação", afirmou. "E isso é deprimente e confuso para alguém que vem de uma situação menos favorecida, como Teddy. Ele foi abusado por um sistema que continua falando, sem fazer nada – ou fazer algo que o ajude de alguma forma."

A despeito da sobreposição de temas densos e do potencial reflexivo, *Bugonia* é tudo, menos sisudo. A mistura de gêneros – comédia satírica, *thriller* e ficção científica – cria uma atmosfera marcada por um senso de irrealidade que é a um só tempo perturbador e divertido. •

Poderes. Emma Stone, em seu quinto trabalho com o diretor, vive uma CEO sequestrada por uma dupla que a vê como alienígena

FOCUS FEATURES

ines249

LIGIA BAHIA
Médica, professora titular da UFRJ, coordenadora do Grupo de Pesquisa e Documentação sobre Empresariamento da Saúde

Gestão de risco

▶ O caso do Banco Master chama atenção para os impactos gerados pela presença dos fundos de investimento na área da saúde

Nas últimas duas décadas, investidores privados que utilizam grandes volumes de capital para adquirir e reestruturar empresas têm se envolvido cada vez mais na propriedade e gestão do sistema de saúde no Brasil.

O objetivo de fundos de investimento, a obtenção de ganhos financeiros rápidos, é geralmente alcançado por meio de reatribuição de dívidas, reestruturação de instalações, corte de despesas trabalhistas, mudanças de atividades em busca das mais lucrativas, fusões e encerramento de vendas de determinados produtos.

Os fundos de investimento passaram a atuar em setores como hospitais, unidades de diagnóstico e terapia e empresas de planos de saúde. Um modelo de negócios que põe em dúvida a compatibilidade com sistemas de saúde qualificados, eficientes e acessíveis.

Fundos de investimento são propriedades de empresas e indivíduos de alto patrimônio líquido, que reúnem seus recursos para investir em empreendimentos lucrativos. Por sua vez, tais recursos possuem quatro traços marcantes.

Em primeiro lugar, o investimento em geral é definido por organizações leigas, não por profissionais da saúde. Em muitos casos, quem decide quando e onde investir tem pouco conhecimento sobre a gestão de uma organização de saúde que ofereça atendimento de alta qualidade e custo efetivo.

A segunda característica dos fundos de investimento é utilizar o mínimo possível de seu próprio capital nas empresas que financiam, mas manter o controle acionário e receber retornos superiores ao aporte inicial. Os investimentos são normalmente financiados com dívidas transferidas para a empresa adquirida. Por exemplo, muitos investimentos são transacionados por meio de aquisições alavancadas, que utilizam os ativos da empresa adquirida para pagar grande parte da compra.

A terceira peculiaridade das transações na saúde intermediadas por fundos de investimento são os altos retornos, que exigem eliminar serviços menos lucrativos, priorizar os que geram maiores receitas – por exemplo, tratamentos e cirurgias caras – e estimular a realização de mais procedimentos ou até impor a escassez de suprimentos e negligenciar a manutenção de equipamentos.

A quarta característica é a venda dos investimentos em um curto período, geralmente em torno de três a sete anos.

Nos Estados Unidos, tanto o assassinato do CEO da UnitedHealthcare, atribuído ao ressentimento gerado contra conglomerados de planos de saúde, quanto o colapso financeiro do grupo hospitalar norte-americano Steward, trouxeram à tona debates sobre a transparência de informações sobre dívidas, lucros e dividendos e acordos para a remuneração de executivos.

Para nós, as implicações das estratégias dos investidores privados na saúde ficaram um pouco mais visíveis diante da veiculação de informações sobre possíveis impactos na Oncoclínicas em razão da liquidação extrajudicial do Banco Master.

Independentemente das perspectivas de sucesso das medidas para a preservação da liquidez do grupo empresarial, ficou no ar a constatação de que a voracidade por lucratividade elevada no curto prazo ameaça a estabilidade de instituições, imprescindível para a garantia de cuidados a pacientes com condições graves.

Princípios éticos de atendimento à população não se coadunam com falências e elevação abusiva de preços. Estudos empíricos sobre o desempenho de empresas de saúde não são categóricos, embora a maioria das pesquisas tenha encontrado resultados negativos entre fundos de investimento e indicadores de saúde.

Os fundos de investimento na área da saúde cresceram impulsionados por serviços de saúde, Tecnologia da Informação e indústria biofarmacêutica. É necessário desenvolver investigações no Brasil sobre impactos dos fundos de investimento na saúde, incluindo o exame das omissões e intervenções regulatórias, desde critérios de avaliação para fusões e aquisições até restrições para o envolvimento em mercados específicos.

As iniciativas para a formulação, implementação e aprimoramento de políticas nas três esferas de governo se beneficiariam muito com mais e acuradas reflexões sobre a participação dos investidores privados na saúde. Sinais de alerta foram acionados. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

Um álbum muito pessoal

PROTAGONISTA Lenine, nos anos Bolsonaro, e sob a pandemia, quase largou a carreira. Agora, aos 66 anos, lança um novo disco

POR AUGUSTO DINIZ

O cantor e compositor pernambucano Lenine tem paixão pela botânica. Em seu sítio, na serra fluminense, o artista mantém uma coleção de orquídeas e, durante a pandemia, cuidar de plantas acabou se tornando uma forma de ele lidar com o isolamento social, o cancelamento de shows e o clima de intolerância gerado pelo governo Bolsonaro.

"Para mim, foi uma desestruturação total da realidade", diz Lenine, sobre aquele tempo, em entrevista a *CartaCapital*. "Essa situação toda me jogou num lugar depressivo." Naquele momento, ele pensou seriamente em largar a música e se dedicar integralmente ao *hobby* que tanto ama: a botânica.

Lenine conta que quem conseguiu demovê-lo da ideia de parar a carreira foi um de seus filhos, Bruno Giorgi, que produz seus discos desde *Chão* (2011).

A partir de 2022, conforme o confinamento saía do horizonte e seu estado de espírito melhorava, Lenine foi conseguindo voltar a fazer shows. Inicialmente, optou pelas apresentações com voz e violão, sem banda de apoio, evitando, assim, ter de lidar com muitas pessoas no palco – algo que seria difícil naquele momento de recuperação emocional.

O resultado desse seu retorno à música está em *Eita*, álbum de inéditas que chegou às plataformas nesta sexta-feira 28. Fazia dez anos que Lenine não lançava um álbum de estúdio. O último tinha sido *Carbono* (2015). Nesse meio-tempo, ele gravou um disco ao vivo, *Em Trânsito* (2018).

O novo disco reflete de forma direta as experiências vividas pelo artista. Mas, mais do que retomar as dores sentidas, o que ele faz é valorizar em suas letras o afeto, a esperança e a família. Foram, afinal de contas, esses três elementos que o fizeram continuar na música.

A canção que abre o disco, *Confia em Mim*, dele com Dudu Falcão, aborda a necessidade de acreditarmos uns nos outros. Na canção seguinte, a faixa-título, composição que assina sozinho, ele prega a amorosidade: *Eita/O fato é que o afeto é a receita/Que pode transformar nossa conduta/E me levar a ter mais esperança*.

> "Para mim, foi uma desestruturação total da realidade. Essa situação toda me jogou num lugar depressivo", relata o compositor

As duas composições dão o tom do disco: um mergulho nos sentimentos após o confinamento social da pandemia e a desilusão sentida diante de um país polarizado e intolerante.

Lenine considera o disco um trabalho em primeira pessoa. Não à toa, o cantor é autor ou coautor da maioria das letras das 11 faixas. Quatro canções fazem referência direta à família: *Meu Xamego*, *Foto de Família* (composição com outro filho, João Cavalcanti), *Deita e Dorme* (com Arnaldo Antunes) e *Aos Domingos*.

Foto de Família alude a um registro fotográfico de sua mãe com os netos. Na música, o cantor faz duo com Maria Bethânia. "Ela foi a pessoa ideal para interpretar a canção mais passional de todas", diz, para explicar o convite feito à amiga de muitos anos.

A cantora baiana nunca tinha participado de um disco de Lenine. Já ele havia participado de um disco dela, *Noite Luzidia ao Vivo* (2001), cantando *Nem o Sol, Nem a Lua, Nem Eu*, parceria sua com Dudu Falcão.

Em *Deita e Dorme*, ele faz uma citação ao seu quinto neto, que nasceu prematuro e passou os três primeiros meses de vida no hospital. "Houve muito sofrimento e mobilização da família", conta ele. Nos versos de Arnaldo Antunes, a canção oscila entre a dor e a alegria: *Dá um treco/bate a porta/perde a rota* (...) *Bate asas/dá um mole/vai pra casa*.

Embora seja um álbum íntimo, *Eita* não deixa de lado as questões sociais. Em *O Rumo do Fogo*, feita em parceria com Lula Queiroga, por exemplo, Lenine faz uma defesa dos povos originários. A canção foi gravada por ele e Maria Gadú.

O Nordeste, sempre muito presente em seus trabalhos, também aparece em *Eita*: *Boi Xambá*, com a participação do grupo Bongar, e *Malassombro*, criada em

ines249

GILDA MIDANI

parceria com Siba, do Mestre Ambrósio, remetem diretamente à cultura nordestina. A mistura de ritmos nordestinos com o *pop* contemporâneo é uma marca de sua carreira desde *Olho de Peixe* (1993).

"A nordestinidade me estimula, e o Brasil agora tem um débito gigante com o Nordeste: foi a região que deu a vitória ao presidente Lula (na eleição de 2022)", diz. "A partir daí, voltamos a pensar no coletivo." A capa do novo disco traz uma linogravura da artista Luiza Morgado que traduz o universo afetivo do álbum, com crianças, retratos e referências ao Nordeste.

Com o novo disco – que sai acompanhado de um registro audiovisual, lançado no YouTube – Lenine mostra, aos 66 anos, que entendeu que a música é o seu lugar.

O mergulho intenso na intimidade é uma novidade em seu trabalho, e o resultado é bonito, ainda que não tenha o impacto de seus álbuns mais potentes, como O *Dia em Que Faremos Contato* (1997) e *Na Pressão* (1999), e nem mesmo do último, o *Carbono*. •

Raízes. "A nordestinidade me estimula", diz o cantor pernambucano, que escolheu uma linogravura da artista Luiza Morgado para compor a capa de *Eita*

ines249

A hora e a vez de Verenilde Pereira

LITERATURA Passados 25 anos da primeira publicação de *Um Rio Sem Fim*, a autora manauara vê seu livro ser redescoberto

POR MARIA FERNANDA VOMERO

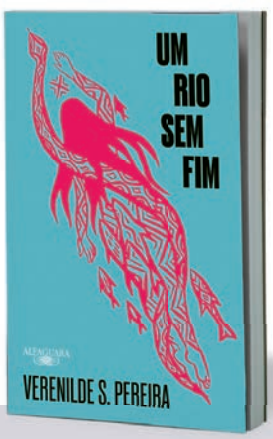
Por mais de 25 anos, *Um Rio Sem Fim*, de Verenilde Santos Pereira, permaneceu desconhecido de boa parte dos leitores. Mas, justamente no ano em que a Amazônia e seus povos foram para o centro do debate por conta da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), em Belém, o livro da autora manauara é reeditado por uma grande editora e conquista merecidamente a cena literária.

"Atribuo a redescoberta do livro à força das personagens", diz Verenilde. *Um Rio Sem Fim* é uma pungente história amazônica que acompanha a trajetória de duas meninas, a cabocla Maria Assunção e a indígena Rosa Maria, criadas em uma missão católica sem vínculo com suas aldeias de origem. São levadas, ainda na infância, para trabalhar como empregadas domésticas em Manaus.

Rebelde e inventiva, Maria Assunção – filha de mãe negra e pai indígena como a autora, aliás – revela-se uma contadora de histórias nata. Na capital do Amazonas, é posta para trabalhar como babá de outra criança, mas consegue escapar dali e ensaiar um novo destino para si.

Rosa Maria, por sua vez, torna-se um "entulho" na casa da família rica onde é alocada, pois não consegue fazer o que é esperado dela. Mais tarde, arranjam-lhe um casamento. A jovem indígena já está, porém, alheia de si, vivendo em um mundo próprio com ecos da floresta que nunca quis abandonar.

A sinuosidade da estrutura narrativa parece ter ditado a própria trajetória do livro: escrito como parte de uma pesquisa acadêmica em 1995, foi publicado três anos mais tarde de forma independente e distribuído pela própria autora em paradas de ônibus ou em redações de jornal em Brasília, onde vive desde 1986.



UM RIO SEM FIM

Verenilde S. Pereira. Alfaguara (184 págs., 79,90 reais)

Na época, a obra foi ignorada pela imprensa. Apenas em 2022, graças a um artigo na *Folha de S.Paulo* escrito pelo pesquisador brasileiro Rodrigo Simon de Moraes, da Universidade Princeton (EUA), começou a ganhar atenção.

Quando iniciou o mestrado em Comunicação na Universidade de Brasília, em 1993, Verenilde havia consolidado uma sólida trajetória como jornalista, tendo percorrido rincões da Amazônia, a fim de escrever reportagens sobre questões ambientais e indígenas, muitas delas espinhosas, denunciando casos de garimpo ilegal e violência contra mulheres e meninas.

Tinha também participado da criação do *Porantim*, em 1979, o primeiro jornal voltado exclusivamente para temas indígenas (no idioma do povo Sateré-Mawé, "porantim" significa "remo", "arma", "memória"). Acumulava ainda experiência como ativista tanto como professora no Seringal Catipiri, na região do Rio Purus, quanto como integrante da Operação Amazônia Nativa (Opan).

Em junho de 1986, enquanto fazia uma reportagem sobre mineração clandestina na área de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, ela foi coagida com uma ordem de prisão. "Um promotor me levou para a casa de uma juíza, e ambos me obrigaram a assinar um papel em branco. Me neguei", relembra. "Isso foi tratado como abuso de autoridade."

Permaneceu quatro dias no cárcere e, graças à ajuda do líder indígena Álvaro Tukano, conseguiu escapar da prisão e da cidade. Logo depois, mudou-se para Brasília: "Vi jornalistas morrerem, e lideranças indígenas e outros desaparecerem".

No mestrado, Verenilde pretendia pesquisar a cobertura feita por jornais impressos de episódios que decorriam do contato entre brancos e indígenas. No entanto, quando estava prestes a iniciar a escrita da dissertação, hesitou. A biblio-

ines249

CICERO BEZERRA

grafia e os conceitos selecionados pareciam não dar conta dos complexos matizes do encontro interétnico. Decidiu, então, optar pela ficção.

"Por meio da literatura, eu podia assinalar algo que faltava, que não fora dito e estava na instância do silenciamento", conta. "E a literatura é feita dessas migalhas de histórias, da percepção de coisas que você ouviu, experienciou e sonhou."

Um Rio Sem Fim começa com uma cena impactante. A narradora – aquela que tudo anota – rememora o encontro com dom Matias Lana, bispo italiano e líder de uma missão catequizadora na Amazônia, no dia seguinte à queima de livros da biblioteca local, promovida por um grupo de indígenas em uma grande fogueira.

"O que eles fazem, simbolicamente, é a queima daquela imagem de que os povos indígenas não têm sensibilidade nem inteligência", afirma Verenilde. "A visão pejorativa transformou-se numa ideologia que se mantém viva até hoje. Este país foi construído sobre ela."

O enredo principal apresenta a missão religiosa e as crianças que lá vivem e segue os passos de Maria Assunção e Rosa Maria em Manaus. No entanto, sob a forma de pequenos desvios narrativos – tais quais afluentes de um caudaloso rio –, alguns capítulos oferecem vislumbres de outras personagens, nominadas ou anônimas. A narrativa não é linear, jogando com a sinuosidade também temporal.

Um Rio Sem Fim será vertido para o inglês pelo premiado tradutor Johnny Lorenz. Enquanto isso, Verenilde escreve um novo livro. Aos 69 anos, sendo uma mulher afro-indígena, do povo Sateré-Mawé, lhe parece inevitável que as opressões sofridas ou presenciadas permeiem sua produção literária.

Ainda recorda o assombro que a leitura de *Mrs. Dalloway*, célebre obra de Virginia Woolf, lhe provocou, há quase quatro décadas. Encontrou um exemplar esquecido, já com marcas de umidade e páginas faltantes, no seringal em que trabalhou.

"Eu me perguntava que escrita era aquela que suportava os ápices lá em cima e lá embaixo do mundo", diz. "Acho que foi esse assombro que me abriu para as possibilidades da literatura." •

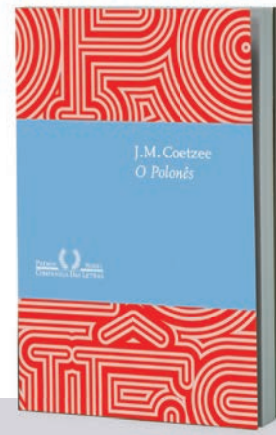
Romance amazônico. Filha de mãe negra e pai indígena, do povo Sateré-Mawé, Verenilde narra a história de duas meninas, uma indígena e uma cabocla

Na década de 1980, a escritora foi presa por fazer uma reportagem sobre mineração clandestina no Alto Rio Negro

ines249

A banalidade da fantasia amorosa

LIVRO *O POLONÊS* É UM LIVRO PRECISO E DESCONCERTANTE SOBRE AS VIDAS SUBMERSAS DE UM HOMEM E DE UMA MULHER



O POLONÊS

J.M. Coetzee. Tradução: José Rubens Siqueira. Companhia das Letras (144 págs., 79,90 reais)

O Polonês, o mais recente livro de J.M. Coetzee, autor sul-africano que ganhou o Nobel de Literatura em 2003, é um romance breve e incisivo que gira em torno de dois personagens, Witold e Beatriz.

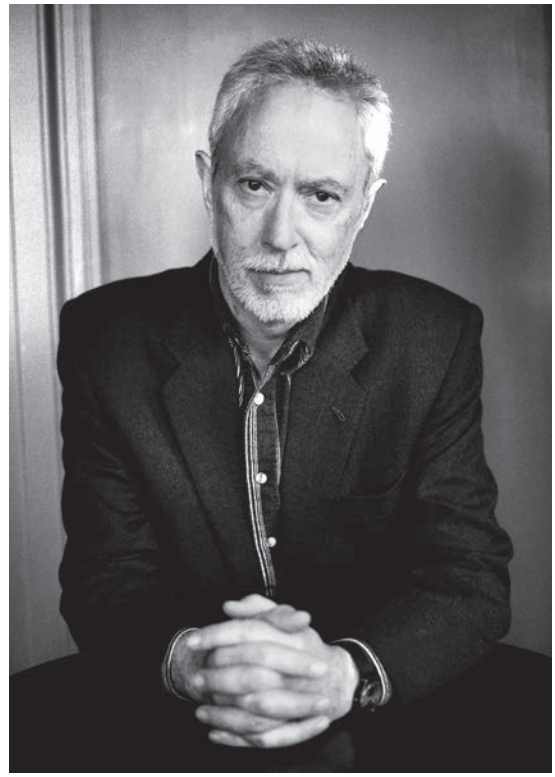
Witold Walccyzkiecz, o polonês, é um pianista com mais de 70 anos, intérprete controverso de Chopin. "Seu Chopin não é nada romântico, pelo contrário, é um tanto austero", descreve o narrador, quase um terceiro personagem, dono de uma graça que soa involuntária. "Toca piano com a alma, é inegável, mas a alma que o governa é a de Chopin, não a dele próprio."

Beatriz é uma espanhola na casa dos 40 anos, de andar elegante, casada com um banqueiro e dedicada a obras beneficentes. Ela é, de acordo com o narrador, "uma pessoa inteligente, bem-educada, erudita, boa esposa e mãe". Em geral, não é levada a sério e tem certa aversão à reflexão.

Os dois se conhecem de maneira fortuita, em um jantar oferecido ao polonês após o concerto beneficente organizado por Beatriz. Ele, imediatamente, se encanta por ela. A recíproca não é verdadeira. "Um velho apaixonado. Que tolice", pensa a mulher, que se incomoda com os elogios exagerados dirigidos a si, com os dentes brancos demais de Witold e até com sua forma de tocar Chopin.

Mas Coetzee está mais interessado naquilo que move – ou mantém inertes – os personagens do que nos lances amorosos. Se em seu célebre romance *Desonra* (2000), o protagonista é um professor que cai em desgraça após se relacionar com uma aluna, aqui os arroubos afetivos não levam ao salto no precipício.

Os ímpetos dos personagens, movidos por desejos pouco claros, são contrapostos ao longo do livro pela austeridade da narrativa. Coetzee não demonstra encanto por Witold ou Beatriz, e ainda menos um fascínio pela própria escrita. Se descreve a brisa que surge durante uma caminhada, o narrador logo emenda: "detalhes incidentais (...), sem importância".



Nobel. Coetzee, de 85 anos, exercita a concisão

A ênfase, se há alguma, parece ser sobretudo na banalidade daquilo que se conta: trata-se de mais um relato das vidas submersas e dos segredos, pequenos ou grandes, que qualquer existência carrega. "Na memória", afinal, como diz Witold, "não há tempo".

O amor, aqui, é tanto um estado de espírito quanto a construção de uma fantasia que a linguagem não comporta. Sintomaticamente, Witold e Beatriz, falantes de polonês e espanhol, comunicam-se em inglês. "Ele está dizendo alguma coisa profunda ou simplesmente usando as palavras erradas?", pergunta-se ela.

O Polonês é um livro preciso e desconcertante desde o começo até o fim, que é improvável e faz o todo crescer. •

– por Ana Paula Sousa

ULLA MONTAN

ines249

AFONSINHO

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos

Desventuras futebolísticas

▶ O anúncio das mudanças no calendário me fez lembrar de uma viagem, pelo Santos, em que um hotel, com medo de balbúrdia, se recusou a nos receber

A final da Conmebol Libertadores entre dois gigantes brasileiros, Palmeiras e Flamengo, está chegando com o calor do verão, que esquenta o clima pelo País inteiro.

Os dois clubes vêm encarando um calendário apertado e chegam à finalíssima, neste sábado 29, cada um à sua maneira.

Na rodada anterior à decisão, o técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, não escondeu o jogo: ele declarou que o Brasileirão já estava praticamente definido e optou por poupar completamente o time titular contra o Grêmio, na terça-feira 25, levando só alguns reservas para o banco.

Em entrevista, Abel soltou a expressão, meio ambígua, de que "muita coisa mudou depois do jogo entre o Palmeiras e o São Paulo", citando vários lances das últimas rodadas.

Ficou nítida a escolha: chegar à disputa final da Liberta com a equipe inteira e nas melhores condições possíveis.

O outro jogo do Brasileirão, em Belo Horizonte, entre Flamengo e Atlético Mineiro, até começou em clima de dúvida, com o placar aberto pelo Verdão na partida contra o Grêmio. Mas a previsão se confirmou: a derrota do Palmeiras veio.

A partir disso, o Flamengo – que empatou com o time mineiro – poderá festejar a conquista do título brasileiro no próximo encontro.

Ao mesmo tempo, o time carioca, que já enfrenta problemas com jogadores em recuperação, chega à decisão deste sábado, em Lima, no Peru, mais desgastado – o que pode ser um fator decisivo. No entanto, o Mengão tem elenco e é um time caracterizado pela pressão da massa.

É sempre bom lembrar do absurdo de marcarem um jogo, ainda mais dessa importância, no meio da semana decisiva da disputa mais relevante das Américas.

O próprio Abel Ferreira destacou na entrevista: "A CBF é uma coisa e a Conmebol é outra", em referência às diferentes administrações das entidades e à repercussão disso em campo.

Resta sempre a pergunta: onde ficam os jogadores, mesmo em minoria, quando são tomadas decisões que impactam diretamente suas vidas dentro e fora dos campos?

Nesta semana, o novo calendário do futebol brasileiro foi anunciado publicamente. Entre as mudanças a serem implantadas a partir de janeiro estão a duração do Brasileirão de janeiro a dezembro e a valorização e inclusão dos campeonatos regionais em alguns casos.

A Copa do Nordeste – a Lampions League – sempre foi uma disputa espetacular.

Desta vez, no entanto, ficará sem o Bahia por conta de sua classificação em outro torneio.

A Copa do Brasil passará a abrigar 126 – e não mais 92 – clubes em 2026 e 128 em 2027.

Foi citada a intenção de que os jogadores dos chamados clubes de "elite" tenham um número menor de partidas por temporada, algo que, se confirmado, será louvável.

Outro ponto positivo realçado pelo novo presidente da CBF, Samir Xaud, foi a atenção a situações importantes que sempre foram desconsideradas, como a preocupação com a locomoção dos torcedores e as condições de transporte, hospedagem e alimentação dos profissionais – jogadores, comissão técnica, imprensa etc.).

Esses detalhes me trazem à memória um jogo da época em que estive no Santos.

Lembro de quando, na marra, o Campeonato Brasileiro, de uma hora para outra, passou a contar com cem equipes.

Fomos jogar numa capital do Nordeste onde vários times foram incluídos pelo interesse político, sob o argumento de "integração nacional".

Chegamos ao hotel, com o Rei Pelé, Carlos Alberto Torres, Clodoaldo e outros campeões na véspera do jogo.

O problema é que a direção do hotel se recusou a nos receber, dizendo que não aceitaria mais delegações de futebol porque o time que jogara na rodada anterior havia feito uma bagunça danada no estabelecimento.

Naquela época, a toda hora, encontrávamos times diferentes nos aeroportos. Chegávamos a viajar no mesmo avião, com cada equipe indo para um lugar diferente.

Fomos deslocados para outra hospedaria, que não tinha restaurante próprio. As refeições tinham de ser feitas em outro local.

Pense bem: isso acontecia com o Santos, que aproveitava todas as brechas entre jogos oficiais para excursionar pelo mundo, e que sempre que tem jogos fora da cidade, precisa subir a Serra do Mar para os aeroportos.

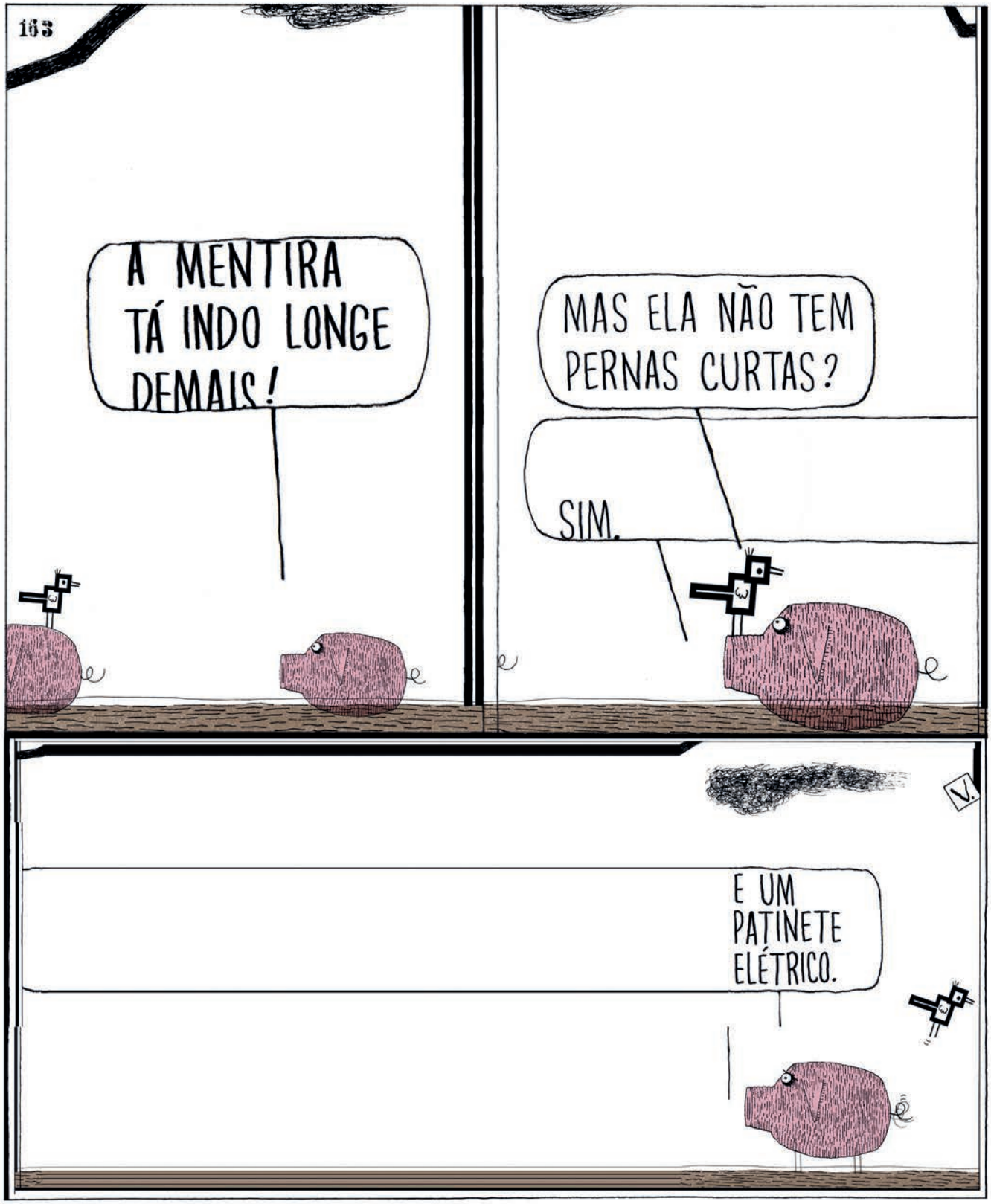
Essas coisas, geralmente, não são contabilizadas nos cálculos da cartolagem. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249

VENES CAITANO



ines249

POLÍTICA NA VEIA

Política na Veia é o *podcast* semanal de política da *CartaCapital*. A cada semana, Sergio Lirio (*CartaCapital*), Claudio Couto (*Fora da Política não há Salvação*) e Luis Nassif (*GGN*) discutem os principais assuntos do cenário político em conversas profundas, com análises objetivas e opiniões contundentes sobre a política nacional.

SE VOCÊ TEM POLÍTICA NO SANGUE,
OUÇA ***POLÍTICA NA VEIA***

TODA QUARTA-FEIRA,
NO SPOTIFY, YOUTUBE E NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DE ÁUDIO.

Carta

ines249

FENAE COM ELAS

Talvez você ainda não saiba mas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.

A cada 6 horas uma mulher é assassinada. Na maioria dos casos, os sinais vieram antes: humilhações, controle, isolamento, agressões verbais.

O feminicídio, homicídio contra a mulher, é o ponto final de um longo ciclo de violência que pode – e deve – ser interrompido.

Por isso, a **Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal** (**Fenae**) entrou em ação!

Aderimos à mobilização nacional **Feminicídio Zero**, do Ministério das Mulheres, e fomos além: lançamos a campanha **Fenae com Elas** e criamos, em todo o país, uma rede de empoderamento, conscientização e enfrentamento à violência contra a mulher.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code, conheça mais a campanha e nossas iniciativas. Doe e ajude!

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

/fenaefederacao @fenaefederacao www.fenae.org.br

(61) 98142 8428 /company/fenae-federacao